NOVELLAE OLIVARUM

ANO XV NÚMERO 138 JANEIRO 1957

O MÁRTIR SÃO VICENTE E A SUA LITURGIA — por Gregorius 1

ÚLTIMA CONFERÊNCIA DO PADRE AMÉRICO 11

A UNIDADE DO AMOR — Alberto Neto 17

O «MOVIMENTO LITÚRGICO» E A SUA REPERCUSSÃO NO PATRIARCADO — Rev.mo P. Adelino Narciso 22

LIVROS NOVOS 29

CRÓNICA — Noronha Galvão 30

ÍNDICE DE 1956 32

Casa Peyroteo

Artigos de 1.ª qualidade

para

Todos os Desportos

SOCIDEL—Soc. Com. de Artigos de Desporto L.da

Rua Nova do Almada, 52

LISBOA

Escola de Condução de Automóveis

«A POPULAR»

DIRECÇÃO TÉCNICA DE

ALBERTO PIRES

TELEF. 721891 LISBOA

Motos, ligeiros e pesados



AVENIDA DE MADRID, N.º 3-C

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género · **Fundada em 1832** · *Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166 170*

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado

NOVELLAE OLIVARUM

Director: *Alberto Neto Simões Dias* Redactores: *José Poças Ribeiro e Cláudio Renato Marques Teixeira* Administradores: *Albino Mamede Cleto e Avelino M. Barata Pinto*
Proprietário e Editor: *Ireneu Marques Clemente*

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia Ld.ª — Gouveia — Telef. 109



TECIDOS

Rioplex

100% uprama

ESCOLHA O TOM PRETO PRÓPRIO PARA O CLERO.
EXIJA NA OURELA A MARCA «**RIOPLEX**», POIS OS TECIDOS «**RIOPLEX**» SÃO
RESISTENTES E DE CORES **ABSOLUTAMENTE INALTERÁVEIS**

LARG. 1,50 **PREÇO 80$00**

FUNDADA EM 1756

"Cenáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO
Rua das Flores, 69

LISBOA
Praça dos Restauradores, 14

Fábrica de Loiça de Sacavém

S. A. R. L.
1850



Painéis de azulejos pintados com assuntos religiosos

Figuras religiosas em faiança

PORTO Rua das Carmelitas, 40
LISBOA Av. da Liberdade, 49-57
COIMBRA R. Dr. M. Rodrigues, 13

MERCEDES-BENZ

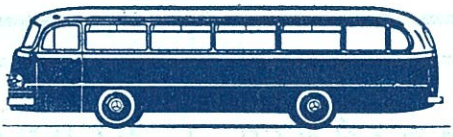
AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas



AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 e 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o terreno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS para
todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO

NA CATEQUESE ◆ NA ESCOLA ◆ EM SUA CASA

Aparelhos de Cinema e Projecção fixa

FILMES E DIAPOSITIVOS

Culturais, recreativos e religiosos



R. S. Nicolau 22

LISBOA

R. S.ta Catarina, 315

PORTO

CONSULTE ...

...SEMPRE

Pathé-Baby Portugal, L.da

TELEFONE 64737

ANTÓNIO J. PEDRO

Tipografia e Encadernação

DESENHO
GRAVURA
PAUTAÇÃO
LITOGRAFIA
ARTIGOS DE ESCRITORIO

44-A, Rua de Arroios, 44-B

LISBOA

O MÁRTIR SÃO VICENTE E A SUA LITURGIA

Resumo histórico. Exame dos textos litúrgicos

NOTAS E SUGESTÕES

Por GREGORIUS

Há muito havíamos verificado, ao manusear edições ou fotografias de antigos manuscritos litúrgicos, com notação musial ou sem ela, existirem na Missa e no Ofício do Mártir São Vicente que se rezam no Patriarcado de Lisboa e na Diocese de Faro sérias divergências com os textos tradicionais. E pareceu-nos útil olhar de perto o problema. O estudo que apresentamos, embora se não possa considerar completo, constituirá, ao menos, uma primeira sondagem, que desejaríamos servisse para despertar o problema. Possa ela fazer surgir um investigador competente para realizar o estudo completo que o assunto merece e necessita.

Vamos pois dar um resumo de carácter histórico sobre a vida do santo e o seu culto, para examinarmos em seguida os textos da sua liturgia.

I

OS DADOS HISTÓRICOS

A — A «Paixão»

A instigação de Galério, césar do Oriente, e preparado o ambiente por autores pagãos, como Porfírio e Hiérocles, desencadeava o imperador Diocleciano, pelos fins do seu reinado, uma das mais violentas perseguições da História. Sucessivamente agravada por quatro éditos imperiais, encontrou a perseguição, no césar ocidental Maximiano Hércules, um executor apaixonado. E a Espanha, vítima, como a Itália, da sanha deste perseguidor, só encontrou a paz quando Constâncio Cloro, pai do grande Constantino, se tornou imperador do Ocidente pela abdicação de Maximiano. Mas a perseguição, embora curta — dois anos apenas (303-304), — fora das mais sangrentas (1).

Entre os mártires peninsulares de então, brilha o diácono saragoçano S. Vicente, cuja fama em breve se espalhou em toda a Cristandade, sobretudo no Ocidente. S. Agostinho dedicou-lhe nada menos de quatro sermões (2), pelo início dos quais se

(1) Cf. Zeiller, em Fliche et Martin, Histoire de l'Eglise, t. II (1938). pgs. 457s.
(2) Migne, P. L. *38*, 1252-1268.

vê que se liam em África, no seu tempo, umas Actas do santo mártir, que é duvidoso corresponderem às actualmente conhecidas (3). O insigne doutor tem ainda, no final dum sermão sobre Jacob e Esaú, uma curta passagem sobre o mesmo assunto (4), e foi-lhe, em tempos, atribuído outro sermão sobre esse tema (5), que alguns antigos códices referiam a S. Leão Magno, mas que os críticos julgam dever reportar, por causa do estilo, a autor hispânico, muito possìvelmente S. Leandro, arcebispo de Sevilha (séc. VI).

De todos os mencionados sermões, é este último aquele que regista mais referências concordantes com as Actas de S. Vicente. Estas, de que se conhecem três versões diferentes (6), não se podem infelizmente considerar autênticas: os críticos reconhecem nelas um fundo histórico, mas notàvelmente impregnado de traços lendários, constituídos, não só pelo elemento maravilhoso, mas também pelos diálogos assaz prolixos, em que se increpam as autoridades judiciais, e pela total impassibilidade do mártir perante as torturas, tudo isto características habituais das actas apócrifas. Outro tanto se dirá do longo hino que dedicou ao santo diácono o poeta cristão Prudêncio, seu compatriota, quase um século após o martírio. Este hino, que segue, de facto, a mesma tradição amplificada que as Actas, tem contudo a escusá-lo o próprio género literário, que não precisa de cingir-se a rigorosa historicidade. É o 5.º da obra *Peristéphanon* (Das Coroas dos Mártires) e consta de 144 estrofes de 4 versos (7). Destas fontes históricas tão deficientes, vamos reproduzir os dados biográficos do mártir, tentando distingui-los dos elementos lendários (8).

---

(3) Cf. Analecta Bollandiana, t. I, pg. 259.

(4) Migne, ibid., 51-52.

(5) Migne, P. L. *54*, 501-504.

(6) Cf. P. Th. Ruinart, Acta Martyrum... collecta, selecta, atque illustrata (Veronae, 1731), pgs. 323ss.; D. Ruiz Bueno, Actas de los Martires, texto bilingue (Madrid, 1951), pgs. 999ss. Estas obras dão as Actas tradicionalmente mais conhecidas, que forneceram os textos do antigo ofício. Os Bolandistas dão os textos de mais duas versões, substancialmente concordes com a primeira, que consideram anteriores a esta: uma *Passio brevior*, existente num manuscrito da Biblioteca Ambrosiana de Milão, proveniente dos papeis do Cardeal Frederico Borromeu, e uma *Passio prolixior*, dos Codd. Vat. 1196 e 5696. Cf. Analecta Bollandiana, t. I, pgs. 259ss. Os editores consideram a *Passio brevior* a mais próxima das actas judiciais, provàvelmente destruídas por ordem das mesmas autoridades romanas e cujo relato foi apenas transmitido pela tradição oral, que o amplificou de maneira assaz livre. V. também Baudot et Chaussin, O. S. B., Vie des Saints, t. I (Paris, 1935), pg. 436, onde se citam Ruinart e os Bolandistas. Os autores espanhóis fazem ainda referência ao *Livro do Cerratense*, que contém um texto da «Passio» de S. Vicente, provàvelmente resumido das actas tradicionais. O autor, chamado Rodrigo, é quase desconhecido; nasceu em Cerrato (Palência), mas desconhecem-se as datas do seu nascimento e da sua morte. Directamente, só o citam o P. Fidel Fita, S. J. (El Libro del Cerratense, Madrid, 1888) e o P. Henrique Flórez (Espana Sagrada, t. II, pgs. 210ss.), que se refere à sua obra *(Vitas Santorum* (sic) *nimia prolixitate descriptas)* e dá, no t. VIII, pgs. 249-251, o trecho que ele intitulara: *Vita et Passio S. Vincentii.*

(7) Migne, P. L. *60*, 378-411; edições recentes da col. «Les Belles Lettres» (G. Budé): M. Lavarenne, Prudence, t. IV (Paris, 1951), pgs. 74ss., com tradução francesa; G. Guillén-I. Rodriguez, Obras Completas de Aurélio Prudêncio, edic. bilingue (Madrid, 1950), pgs. 554ss. Não nos foi possível consultar a edição de Bergman, do *Corpus* de Viena. V. em Lavarenne, op. cit., pg. 14, outras edições e traduções.

(8) Vejam-se as descrições ou resumos dos autores modernos, como Henrique Flórez, España Sagrada, t. VIII, pgs. 179ss.; Paul Allard, Les Persécutions en Espagne, em Revue des

Neto do nobre cônsul Agresso, por seu pai Eutício, e filho duma senhora de Huesca, chamada Enola, dedicou-se Vicente desde tenros anos ao estudo das ciências sagradas e profanas, sob a direcção de Valério, bispo de Saragoça. Este acabou por criá-lo arcediago da sua Igreja e, por ter, ele próprio, dificuldade em falar, confiou-lhe o múnus da pregação.

Nomeado, por Maximiano, governador de Valência, não deixou o prefeito Daciano, ao passar por Saragoça, de mandar chamar à sua presença o virtuoso bispo e o seu diácono, que ficaram encantados com a ocasião que se lhes deparava de dar testemunho da fé. O prefeito enviou-os algemados para Valência, na esperança de que a penosa viagem lhes quebrasse a constância revelada na primeira audiência.

No interrogatório realizado naquela cidade mediterrânica, interveio resolutamente o santo diácono, em virtude da prisão de língua do seu prelado, ou antes, segundo reza a *Passio brevior,* da sua timidez. Enviado o bispo para o exílio, foi Vicente sujeito a uma série de torturas, que sucessivamente se foram agravando: primeiro, o cavalete, onde o corpo do levita é desconjuntado e dilacerado por unhas de ferro; depois, dada a heróica resistência do confessor da fé, o leito de ferro coberto de brasas espevitadas por grãos de sal e as lâminas aguçadas que, na carne ferida, rasgam novas feridas. Inabalável na prova, é Vicente levado para um fundo calaboiço abobadado, onde não entrava um raio de luz e cujo pavimento é semeado com ásperos fragmentos de vasilhas quebradas, onde o seu corpo, deitado, se mortificasse ao menor movimento; os pés são presos no cepo e as pernas ficam violentamente apartadas, num tormento que faz recordar o de S. Paulo e de Silas em Filipos (9). Entretanto, referem as Actas, Daciano confessara-se vencido! E a lenda faz então intervir um fenómeno prodigioso: o cárcere é inundado com uma luz mais fulgente do que o Sol, os duros cacos transformam-se em macias flores e um coro angélico desce a confortar e a felicitar o vencedor. O carcereiro converte-se e Daciano, abismado e confundido, manda colocar Vicente em brando leito, a fim de lhe diminuir a glória do triunfo e o reservar para novas dores. É nessa altura que o mártir exala o último suspiro e entra na posse da coroa celestial tão brilhantemente conquistada, enquanto a multidão dos fiéis, que já então lhe assistia, recolhe as primeiras relíquias.

O prefeito, confessando novamente que o mártir o vencera em vida, não poupa sevícias ao cadáver. Manda expô-lo, desnudado, em um campo aberto, a fim de que as feras da terra e as aves do céu lhe devorassem as carnes ensanguentadas. Surge então, por disposição divina, um corvo, que o defende com as asas e mantém em respeito um enorme lobo.

Agastado pela cobardia das feras terrestres, ordena Daciano que o santo corpo seja envolvido num saco e lançado, com uma grande pedra, no mar alto; que, ao menos, os peixes vorazes o destruam. Mas as ondas, obedientes ao Criador, devolvem o venerando espólio, que recebe em terra sepultura conveniente. Anos depois, foi trasladado para debaixo do altar duma sumptuosa basílica.

Questions Historiques, t. XXXIX, pgs. 33ss.; Z Garcia Villada, História Eclesiástica de España, t. I (Madrid, 1936), pgs. 279ss.; Baudot et Chaussin, op. cit., pgs. 431ss.; etc.

(9) Act. *16,* 24.

B — O culto

O culto de S. Vicente propagou-se pouco a pouco pelo Ocidente cristão em tempos muito antigos. Como vimos, eram lidas, em África, as suas Actas, já no tempo de S. Agostinho. Registam a memória do santo mártir antiquíssimos calendários, como o de Polemius Silvius (primeira metade do séc. V) ([10]), o de Carmona, perto de Sevilha (sécs. V-VI) ([11]), e o de Cartago (séc. VI) ([12]).

Em Roma, o seu culto parece ter entrado no séc. VI, pois o sacramentário gregoriano desse século já o conhece, enquanto o gelasiano mais antigo (séc. V) não o regista, só o tendo recebido do gregoriano cerca de dois séculos depois ([13]). Posteriormente à entrada do culto é que se levantaram, na cidade eterna, três igrejas em honra de S. Vicente, uma perto de S. Pedro, outra no Trastévere e uma terceira à saída da Porta Ostiense, *ad Aquas Salvias*, para a qual o Papa Honório I (625-638) levou a cabeça de S. Anastásio. Daqui resultou reunirem-se, em Roma, os dois santos em uma mesma festa ([14]).

Tiveram templos dedicados a S. Vicente, entre outras cidades italianas, Milão, Cremona e Bari ([15]); e até na Dalmácia se encontraram vestígios do seu culto: na basílica urbana de Salona, descobriu-se uma pilastra, espécie de pilar rectangular de pouco mais de um metro de altura, que se julga remontar ao séc. VI, com o nome do santo gravado na parte superior ([16]). A inscrição deve-se, por certo, à existência de alguma relíquia. E é ainda a existência de relíquias, verdadeiras ou falsas, que explica a extensão do culto de S. Vicente para N. O. da Europa — em França: Paris, Metz, le Mans, Poitiers, etc.; e até em Bruxelas, Mogúncia e Praga ([17]). São Vicente, como é sabido, tem a sua festa litúrgica a 22 de Janeiro.

Trasladação. Tudo leva a crer que o corpo de S. Vicente se conservou nas imediações de Valência até à invasão dos Mouros, nos princípios do séc. VIII. E foi esta, sem dúvida, que ocasionou a saída — ou o desaparecimento — do corpo do santo ([18]).

([10]) Cf. Baudot et Chaussin, op. cit., pg. 432, e Aigrain, Liturgia (Paris, 1935), pg. 1078.

([11]) Cf. Cabrol-Leclercq, Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie, t. VIII, 1, cols. 640-1.

([12]) Cf. ibid., cols. 642-5.

([13]) Cf. ibid., t. VI-1, cols. 763 e 772.

([14]) Cf. W. H. Frere, Studies in the Early Roman Liturgy, I — The Kalendar (Oxford-London, 1930), pg. 90; D. Ruiz Bueno, op. cit., pg. 998; Card. Schuster, Liber Sacramentarum, trad. franc., t. VI (Bruxelles, 1930), pg. 205.

([15]) Cf. D. Ruiz Bueno, op. cit., pg. 998.

([16]) Cf. D. A. C. L., t. IV-1, cols. 96-97.

([17]) Cf. Bolando: Joannes Bollandus, Acta Sanctorum quotquot toto orbe coluntur, etc., t. II (Venetiis, MDCCXXXIV), pg. 1145; e Baudot et Chaussin, op. cit., pg. 434. Como já notara Bolando (ibid., pg. 398), não é improvável que muitas dessas relíquias pertencessem a outros mártires do mesmo nome, então frequente, segundo parece, sendo, por isso, atribuídas ao mais conhecido e ao mais ilustre dentre eles: o mártir de Saragoça.

([18]) Não obstante a opinião de autores como Roque Chabás (Episcopológio Valentino, t. I (Valência, 1909), pgs. 45ss.; citado por Villada), segundo o qual os restos de S. Vicente teriam sido escondidos e conservados sempre pelos cristãos de Valência.

Várias tradições, a que sucintamente nos vamos referir, reivindicam jus à historicidade.

A 16 de Setembro é celebrada, no Patriarcado de Lisboa, a trasladação do mártir saragoçano (19). As fontes de que dispomos respeitantes a essa tradição resumem-se em duas: uma crónica de Mestre Estêvão, chantre da Sé de Lisboa e contemporâneo de D. Afonso Henriques, e uma carta de André de Resende a Bartolomeu de Quevedo, sacerdote da cidade de Toledo, carta em que o sábio antiquário português reproduz a versão de uma antiga crónica então em poder dos cónegos regrantes de Santa Cruz, de Coimbra (20). Resumimos, combinando as duas versões.

De regresso à cidade do Mondego, após a batalha de Ourique, D. Afonso I,

---

(19) Primitivamente era a 15, data tradicional da chegada do corpo a Lisboa. Júlio de Castilho, em Lisboa Antiga, Bairros Orientais, t. IV (2.ª ed., Lisboa, 1936), pg. 187, nota 1, equivocou-se ao escrever que a solenidade fora, na igreja lisbonense, primitivamente a 16, pois acrescenta entre parênteses: *XVII cal oct.;* este símbolo equivale, com efeito, a 15 de setembro. E tal é a data mencionada por Pedro Lourenço de Távora, cónego da Sé de Lisboa, numa carta ao Papa Sisto V, em que fala do novo ofício da trasladação de S. Vicente, aprovado, com outros, por aquele papa em 1590. Cf. Bolando, op. cit., pg. 407. A passagem daquela comemoração para o dia 16 poderá ter sido ocasionada pela introdução da festa das Dores de Nossa Senhora no dia 15, na Igreja Universal em 1817, mas possìvelmente mais cedo entre nós.

(20) A primeira encontra-se, juntamente com outros escritos, no códice n.º 286 do Mosteiro de Alcobaça, hoje conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa, sob a cota Cod. Alcob. 420: *Incipiunt miracula sancti uincentii martiris. edita ulixbõe a magistro stephano sedis ulixbonensis precentore;* publicado por Fr. António Brandão na Monarchia Lusitana, 3.ª p. (Lisboa, 1632), em apêndice, pgs. 298ss, (edição moderna, a que remeteremos doravante: Crónica de D. Afonso Henriques, ed. actualizada de A. de Magalhães Basto, Porto, 1945, pgs. 357ss.); e em Portugaliae Monumenta Historica, I — Scriptores, (Olisip., 1856), pgs. 96-101. O manuscrito, que é do séc. XIII, poderia ser do tempo do próprio autor da crónica (Mestre Estêvão), se bem que seja provàvelmente cópia do original. — A mesma crónica vem publicada em Bolando, op. cit., pgs. 408-413, segundo um celebérrimo códice alcobacense intitulado *Tertia Pars Passionum*, então existente no cartório da Sé de Lisboa e do qual D. Thomás Tamayo Vargas, historiógrafo do rei de Espanha, lhe enviou (a ele, Bolando) uma cópia para Madrid. Nos prolegómenos da reprodução de Port. Mon. Hist. (pgs. 95-96), faz-se referência a esse códice, do qual se serviu Brandão (cf. à margem no mencionado apêndice da 3.ª p. da Monarchia Lusitana) e que foi pasto das chamas dum incêndio ocasionado pelo terremoto de 1755.

A segunda fonte é como segue: *Resendius (L. Andr.), Pro Sanctis Martyribus Vincentio Olisiponensi patrono, Vincentio, Sabina, et Christetide, Eborensibus civibus, et ad quaedam alia Responsio — Ad Bartholomaeum Kebedium, sanctae Toletanae ecclesiae sacerdotem, virum doctissimum. Olisipone, apud Franciscum Garcionem, MDLXVII.* Cf. Bolando, op. cit., pg. 406. Por que motivo teria Resende preferido à crónica de Mestre Estêvão, que deve ter podido conhecer quando visitou a miúdo a Sé de Lisboa antes de haver escrito a carta a Quevedo, a crónica de Santa Cruz? Não o sabemos, mas o facto é providencial, pois nos deu a conhecer uma versão que se nos antolha independente da de Mestre Estêvão, com a qual coincide na substância, mas revestindo-a de pormenores diferentes. Brandão, ao contrário, preferia a do chantre lisbonense, alegando sobretudo ser inverosímil que, de acordo com o que reza a crónica conimbricense, para a libertação dos valencianos, tivesse sido necessária a intervenção de S. Teotónio junto dum rei de sentimentos tão cristãos como D. Afonso Henriques. Tal, porém, não nos parece de estranhar, dado que el-Rei poderia não ter sabido logo que, dentre os cativos, alguns eram cristãos, tanto mais que estes, pela longa permanência entre a Moirama, bem mais dificilmente poderiam distinguir-se e demonstrar aos rudes guerreiros lusitanos a sua verdadeira origem.

Sobre esta tradição, ver ainda Duarte Galvão, Crónica de D. Afonso Henriques, ed. de José de Bragança, pgs. 89-91, 97-99 e 213-217, e Fr. António Brandão, op. cit., pgs. 273ss.

a pedido de S. Teotónio, deu a liberdade a uns cristãos moçárabes que vinham entre os cativos. Contaram eles que seus antepassados, fugidos à sanha de Abd-er-Rahman I, o fundador do império muçulmano das Espanhas, tinham trazido consigo de Valência o corpo de S. Vicente para o Promontório Sacro, no extremo sudoeste da Península, onde haviam construído, além duns modestos casebres, em que viviam, uma pequena ermida, sob o altar da qual fora depositado o venerando espólio. Ora certo cavaleiro mouro tinha um dia vindo caçar para aquelas bandas. Deparando com a pequena aldeia, matara os cristãos adultos e levara cativas as crianças, sem que tivesse tocado nas relíquias do santo. Enviados por D. Afonso emissários ao cabo, segundo as indicações dos valencianos libertados, entre elas a de uns corvos que costumavam sobrevoar o local, nada se conseguiu descobrir, devido aos grandes matagais, que não permitiam a identificação das ruínas ([21]). Mas após a conquista de Lisboa e feitas as necessárias tréguas com Mouros e Espanhóis, enviou el-Rei nova expedição, desta feita com os necessários apetrechos e a companhia dos dois mais velhos moçárabes, que melhor se recordavam do local. Depois de esforços e canseiras, jejuns e orações, foram ainda os corvos que revelaram a localização do tesouro cobiçado. Encontram-se as ruínas, o altar derruído e, debaixo dele, um caixão de madeira com o corpo de S. Vicente. Transportado este para uma das naus em que tinham vindo, foram ainda os corvos os seus providenciais companheiros, colocando-se um à proa e outro à popa.

À chegada a Lisboa, depositaram o corpo do santo, durante a noite, para evitar tumultos, na igreja de Ss. Justa e Rufina (hoje representada pela de S. Domingos), não longe da porta que veio a chamar-se de S. Vicente, aonde chegavam as águas do Tejo, que depois recuaram, permitindo o aumento da cidade. Divulgada a notícia, apareceu muito povo armado, que exigia lhe patenteassem as relíquias, levantando-se então rija disputa sobre o destino que devia dar-se à urna do santo: a Sé, ou o convento fundado pelo rei em honra de S. Vicente. E só a intervenção do comandante do exército real, D. Gonçalo Viegas, que aconselhou a plebe a aguardar a chegada do rei, então ausente, evitou derramamento de sangue. Entretanto, D. Roberto, deão da Sé e homem por todos respeitado, conseguiu, em conciliábulo secreto, que o reitor de S. Justa, D. Múnio ou D. Moniz, concordasse na trasladação das relíquias para a Sé. À sua chegada, D. Afonso Henriques aprovou tudo o que se fizera, mas ordenou uma expedição suplementar ao cabo, donde se trouxeram ainda um fragmento da caveira e pedaços do caixão, que o soberano destinou a esse convento que fundara. E a crónica de Mestre Estêvão prolonga-se com a descrição dos milagres que o santo fizera por ocasião da sua vinda para Lisboa: curas de enfermidades várias, recuperação de coisas roubadas, salvamento de náufragos. Era o ano de 1173. No terremoto de 1755, um incêndio destruiu a urna que continha o corpo do santo, do qual só existem na Sé Patriarcal uma das mãos, encastoada em rico estojo, e alguns ossos ([22]).

([21]) Foi o próprio rei, consoante refere Mestre Estêvão, que explicou a causa do insucesso. Achado então, teria sido o sagrado espólio trasladado para Braga ou para Coimbra, que a futura capital ainda se encontrava em mãos de sarracenos. E S. Vicente, o que queria era vir para Lisboa...

([22]) Cf. Fortunato de Almeida, História da Igreja em Portugal, t. I (Coimbra, 1910), pg. 7, nota 1.

Esta narrativa é parcial, mas significativamente confirmada por um historiador mouro, Rasis por nome, historiógrafo do Miramolim de Marrocos e o do rei de Córdova. Citam-no André de Resende, que conheceu uma tradução portuguesa da sua obra, devida a um arquiteto sarraceno, Mestre Machometo ([23]), e o historiador espanhol da Companhia de Jesus, P. João Mariana ([24]). Esse moiro, que historiara os reinados da Península já desde a época pré-romana, conta que, na altura da chegada de Abd-er-Rahman ([25]) às proximidades de Valência, os cristãos que guardavam o corpo de S. Vicente fugiram, levando-o consigo para o promontório algarvio. E fora o próprio cavaleiro moiro que topara com as choupanas dos guardas do santo, um certo Abu-l'Hacem ([26]), nobre da cidade de Fez, quem contara ao historiador a sua aventura: um dia que se dirigira ao extremo do Algarve para caçar com os seus moteadores, encontrara aqueles cristãos; dera a morte aos adultos, levara as crianças em cativeiro, mas não tocara no caixão que continha o corpo do santo.

Não queremos deixar de referir uma tradição diferente, cujo relato foi publicado pelos Bolandistas ([27]). Estava consignada num velho manuscrito que existia, pelos meados do séc. XVII, no colégio da Companhia de Jesus da cidade francesa de Douai([28]). O relato, segundo rezava o manuscrito, devia-se a um nobre e piedoso eclesiástico, chamado Fernando, que fora arcediago do Bispado de Lisboa. Depois de breves referências à «Paixão» de S. Vicente e ao cerco de Saragoça por Clotário I, rei de França, e seu irmão Quilderico, que estes levantaram depois de lhes terem oferecido a estola branca, tinta de sangue, do mártir espanhol, descreve-se uma narrativa, manifestamente lendária, da vinda para Lisboa do corpo de S. Vicente, que vamos resumir: — Após a conquista de Lisboa, ouviu D. Afonso Henriques dizer que perto da cidade de Valência se encontrava o corpo do mártir S. Vicente. Intentou uma expedição para o ir buscar, mas, chegado lá, nada encontrou, pelo que voltou para Lisboa. Ora um virtuoso sacerdote, pároco na capital lusitana ao tempo daquele rei, tem uma aparição em sonhos que o convida a dirigir-se a Valência, para de lá trazer para Lisboa o corpo do mártir saragoçano. Parte em segredo, acompanhado dum diácono e dum rapazito, em um barco tripulado por fiéis marinheiros. Após penosa viagem, em que miraculosamente conseguem obter do fundo do mar uma corda que lhes era necessária, chegam perto de Valência. E os três encaminham-se de noite para a basílica em que estava depositado o corpo do santo, onde só entram o presbítero e o pequeno, ficando o diácono do lado de fora a vigiar. Enquanto o primeiro reza, aparece à criança um varão formosíssimo, e o sacerdote deduz que o sítio onde se dera a aparição é o da localização do corpo tão ambicionado. Chamados os marinheiros pelo diácono, põem-se

---

([23]) Cf. a citada epístola a Quevedo, pgs. 13ss., e Bolando, op. cit. pg. 406.

([24]) Cf. Bolando, op. cit., pg. 407. O P. João Mariana nasceu em 1536 e faleceu em 1623.

([25]) Décimo nono rei dos Moiros e quarto do nome, diz Rasis. Trata-se daquele que ficou na História com o nome de Abd-er-Rahman I, cognominado o Justo, filho de Moaviah e fundador do império muçulmano da Espanhas, como dissemos atrás.

([26]) Albofacem, diz Galvão (op. cit., pg. 98); Allibohaces ou Allibohazes, conforme transcrevem Resende e Mariana do historiador sarraceno.

([27]) Analecta Bollandiana, t. I, pgs. 270ss.

([28]) No extremo Norte da França, quase junto à fronteira da Bélgica.

todos a escavar o local miraculosamente determinado e, após porfiado esforço, descobrem já no alicerce uma larga pedra à guisa de sarcófago, que operculava a cavidade que continha o caixão com as sagradas exúvias; tirada a pedra, celeste aroma inebria os circunstantes. Levado o caixão para bordo, não sem que o santo houvesse feito miraculosamente sair o diácono duma profunda cova, onde caíra, fazem todos felizmente a viagem de regresso, cheios de contentamento pelo tesoiro conquistado. Entretanto, à mesma hora do embarque, as sentinelas da cidade de Lisboa, e, na manhã seguinte, as crianças da mesma gritavam sem saberem muito bem porquê: «Aí vem S. Vicente, aí vem S. Vicente!» E após a secreta chegada da caravana, continuam as crianças: «Já veio S. Vicente!» Impressionados com o caso. os notáveis da cidade, reunidos sob a presidência do bispo, o qual verifica nessa altura haver estado ausente o já mencionado sacerdote, intimam este, recém-chegado, a dizer toda a verdade. Conhecida ela, procede-se então, no meio de geral alegria popular, à solene trasladação do sagrado corpo para a Igreja Maior, onde fica depositado em rico mausoleu de pedra. Só então desaparecem uns corvos — os tradicionais corvos de S. Vicente — que, já desde o embarque nas imediações de Valência, não deixavam de esvoaçar sobre os despojos mortais do santo diácono de Saragoça ([29]).

Em França, é registada uma trasladação do corpo do mártir no séc. IX, descrita por um monge de Saint-Germain-des-Prés, chamado Aimoin (Aimoino ou Aymoino, segundo os antigos autores portugueses e espanhóis), numa longa carta ao seu abade ([30]). Um sacerdote converso do Mosteiro de Conques ([31]), por nome Audaldo, em virtude duma visão dum seu confrade, consegue chegar a Valência e, ajudado por um moiro chamado Zacarias, descobre o corpo de S. Vicente, abandonado pelas vicissitudes da invasão árabe à mercê do primeiro raptor. Tendo-se apoderado do corpo, é dele violentamente despojado, ao passar em Saragoça, pelo bispo desta cidade. Expulso da sua comunidade, como impostor, no regresso a França, dirige-se ao Mosteiro de Castro ([32]), onde é admitido entre os religiosos. Estes monges, oito anos e meio depois, conseguem, pelos bons ofícios dum amigo influente, o conde de Cerdanha, que o rei moiro de Córdova obrigue o bispo de Saragoça a devolver o corpo do mártir. Este é, por fim, transportado para Castro e colocado, anos depois, em 884, numa igreja dedicada ao santo, onde fica até à sua destruição pelos Calvinistas no séc. XVI.

Acrescente-se que um manuscrito árabe da Biblioteca Nacional de Paris refere a existência, na catedral de Monembásia, no Peloponeso, das ossadas de Valério, bispo

---

([29]) Todas estas tradições sobre a trasladação de S. Vicente para Lisboa foram reproduzidas, com o vigor e a frescura que caracterizam a pena inconfundível de Júlio de Castilho, em Lisboa Antiga, Bairros Orientais, t. IV, 2.ª ed. (Lisboa, 1936), pgs. 167-184. Para ele remetemos quem deseje conhecer maior número de pormenores e não possa recorrer às fontes.

([30]) Cf. J. Mabillon, Acta Sanctorum Ordinis S. Benedicti, saec. IV-1 (Venetiis, MDCCXXXV), pgs. 607ss.; reproduzido em Migne. P. L. *126*, 1013ss. Cf. Baudot et Chaussin, op. cit., pg. 435.

([31]) A N. O. de Rodez. Chamavam antigamente «conversos» aos que da vida secular ingressavam no convento em idade madura. Cf. Migne, ibid., 1013-14, nota a.

([32]) Em francês, Castres, do departamento do Tarn.

de Saragoça, e do seu diácono Vicente, antes do séc. X (33). Por outro lado, existe na cidade italiana de Bari uma tradição referente a um braço de S. Vicente. Certo bispo de Valência, que pretendia fazer uma peregrinação à Terra Santa, levava consigo aquele braço num relicário de prata. Ao passar por Bari, foi atacado por doença mortal e, em reconhecimento da carinhosa hospitalidade que lhe mandara preparar o arcebispo da cidade, ofertou, antes de morrer, a preciosa relíquia à basílica de S. Nicolau, da mesma cidade (34).

Não nos propomos formular um juízo definitivo sobre todas estas tradições. A carta de Aimoin tem visos de sinceridade, mas o relato de Audaldo presta-se a várias reservas (35), como observam os nossos historiadores André de Resende (36) e Fr. António Brandão (37), e o historiador espanhol P. Henrique Flórez (38). A narrativa, de facto, não tem naturalidade e apresenta diversos pormenores pouco verosímeis, como o facto de o corpo dum mártir tão conhecido haver escapado à fúria de Abd-er-Rahman, que mandava queimar todos os corpos dos santos cristãos, e a estranha crueldade do bispo de Saragoça, que assumiu requintes indecorosos (39), sem falar das várias mentiras que o monge proferiu, para se livrar de apuros, e da atitude desfavorável com que o receberam os seus próprios confrades.

A narrativa lusitana, por seu lado, ao contrário da francesa, refere os factos do encontro e da recolha do corpo presenceados por muitos e consignados nos anais do Reino, com a confirmação do escritor sarraceno Rasis, cuja obra foi conhecida por autores de Portugal e de Espanha (40).

Contudo, a tradição francesa não se nos antolha inteiramente destituída de fundamento histórico, dado o incremento do culto do santo que daí parece ter resultado, como prova o ofício pouco depois composto, o qual se propagou do Sul da França ao Norte deste país, à Inglaterra, à Itália e à Península Ibérica, e ainda hoje se reza em Braga. Tal, porém, não parece constituir suficiente garantia da autenticidade dos despojos mortais trasladados, não obstante a série de milagres com cuja descrição tão prolixamente conclui Aimoin o seu relato, pois Mestre Estêvão conta, na sua crónica, milagres semelhantes, de que foi, ao menos em parte, testemunha ocular.

Os autores dividem-se. Enquanto os franceses dão crédito à narrativa de Aimoin, portugueses e espanhóis (41) rejeitam-na em favor da tradição luso-árabe. Outros admi-

---

(33) Cf. Baudot et Chaussin, op. cit., pg. 435, que citam Anal. Boll. (t. XXX, pg. 296).

(34) Cf. Bolando, op. cit., pgs. 413s.

(35) «padece mil instâncias», como diz Brandão (op. cit., pág. 279).

(36) Na mencionada carta a Quevedo, págs. 11 a 15.

(37) Op. cit., págs. 271 ss.

(38) Op. cit., t. VIII, págs. 191 ss.

(39) Em flagrante contradição com o que diz desse bispo S. Eulógio de Córdova, *rectis vitae moribus*. Cf. Migne P. L. *126*, 1017-18, nota a.

(40) É sintomático o facto de aquela região algarvia ter tomado, entre os Mouros, designações como *Elkeniciet-al corabh*, que M. Estêvão interpretava *igreja do corvo* (Brandão, op. cit., pág. 358), *Monte do Corvo* (Resende, op. cit., pág. 12), ou *Tarf-al-Gurâb (cabo dos corvos)*: cf. Monumenta Historica Norvegiae, págs. 163ss. (cit. por J. de Castilho, op. cit. pág. 170, nota 1).

(41) Com excepção do P.e Francisco Diago, O. P. (sécs. XVI-XVII), historiador de Valência. Cf. Bolando, op. cit., pág. 406, e Brandão, que o refuta bem: op. cit., pág. 280.

tem a hipótese de trasladações de relíquias parciais em ambos os casos, ou a de Castro haver possuído o corpo de outro santo do mesmo nome, não obstante Audaldo ter afirmado que encontrara a inscrição tumular de S. Vicente com a filiação conhecida pelas Actas: Eutício e Enola ([42]). Seja como for, a última palavra sobre o assunto, que a dêem as autoridades em matéria histórica, se tal lhes for possível. Não se esqueça, porém, que, além de muitas outras dificuldades, existe a de os corpos — ou as relíquias notáveis — conservados outrora em Lisboa e em Castro haverem perecido na sua maior parte.

(Continua)

([42]) Cf. Bolando, op. cit., págs. 406 e 413; Fr. A. Brandão, op. cit., págs. 281s.; H. Flórez, op. cit., págs. 189 e 193-194, onde cita Bolando e Ambrosio de Morales (1513-1591), jerónimo egresso, depois sacerdote, historiador muito apreciado pela escrupulosidade da investigação e pelo senso crítico.

ÚLTIMA CONFERÊNCIA DO PADRE AMÉRICO

Proferida no «Tivoli», em Junho de 1956 às Vicentinas de Lisboa. Não estranhe o leitor a incorrecção de certas frases, transcritas consoante foram ouvidas. Mas não sendo embora preparadas literàriamente, foram-no com 2 horas de adoração ao Santíssimo Sacramento...

«Afinal de contas, meus senhores e amigos, tirem a caridade do mundo, e que fica? Que fica no mundo sem a Caridade? Fica nada. Nem mesmo o «há», nem mesmo o «é». Não há verbos. Não há nada. E ponham naquilo que nós dizemos ou naquilo que nós fazemos uma pequenina centelha de Caridade e aí temos um incêndio. Caridade é o verdadeiro nome de Deus. É pelas obras de caridade que os homens se conhecem e se apercebem da existência de Deus. Caridade que não seja uma palavra vã, nem seja uma caricatura, muito menos uma pintura, muito menos a maneira como o mundo, mentiroso, costuma aplicá-la e apresentá-la. Aquela caridade que condescende, aquele momento que condescende, aquele momento que compreende, aquele momento que perdoa, aquele momento que dá. E depois, se quem assim faz, tem alguma coisinha de seu, também dá daquilo que é seu. A Caridade é a vida de Deus em nós. Sem a caridade nada presta, nada fica, nada morde, nada convence, nada é meritório. Só a caridade entra na Vida Eterna começada a realizar nesta vida mortal.

É disto que temos de falar numa hora vicentina. Viemos aqui pela mão de vicentinos. Não se pode falar de outra coisa, não há outro assunto. Os vicentinos — eu não digo os de Lisboa, nem digo os de Portugal, eu digo os de todo o mundo.... Eu gosto do universal. Os sacerdotes, duas vezes no altar, fazem uma cruz com a patena e com o cálice, com o que vai ser sacrifício — a matéria do Sacrifício —, fazem uma cruz sobre a pedra de Ara: norte — sul — nascente — poente. Não há obras próprias, não há obras individuais, essas são mesquinhas, são vulgares, não caminham. Porque aquele mesmo que pensa realizá-las é o grande estorvo a essas obras. Sem querer, atravessa-se e afasta-se.

Por isso, falando de vicentinos hoje aqui, falo de vicentinos de todo o mundo — a grei, os Samaritanos, os Cientistas do Divino, os Técnicos do Amor. Quando digo cientistas do Divino, quero dizer que só eles são capazes de arrancar da alma a convicção e o conhecimento da riqueza inenarrável de Deus, dos recursos inenarráveis, diria, que Deus implantou na alma de cada mortal. Isso, posto ao serviço do homem, tem mais força do que aquilo que os cientistas, como nós hoje resolvemos falar neles, mais força do que aquilo que eles ensinam ir buscar ao seio da natureza... Muito mais se vai buscar ao seio da Caridade que é, como digo, o verdadeiro nome de Deus. E os vicentinos daqui de Lisboa realizaram uma coisa tão linda — não é pelo que se vê aqui no «écran», é por aquilo que se sente, que se apalpa naquelas casas, onde eu

já tive ocasião de estar. Primeiro, aqui no Rego há 400 tuberculosos, há a consulta externa muito concorrida. Cada um que vem, que se sujeita a vir da sua terra para ouvir a opinião dos médicos e buscar medicamentos, senta-se e espera.

Traz distâncias, traz aflições, traz a sua vida inteira e... vem em jejum. Ali, naquele banco, está a mulher que se basta, a heroína sem dar fé disso, a mãe de muitos filhos, que, além dos vestir — se tem com quê... —, de lhes dar de comer se em casa há, velar pelo marido, fazer tudo quanto é dado à mulher de casa fazer e ela sòzinha é que faz, e ainda tem de olhar pelo seu mal... E ele vai e está acolá sentado, parece que está ali, não está! Está longe, onde a casa deles é. E vem a vicentina «in nomine Domini», duas a duas, possìvelmente, como manda o preceito da caridade — e vai dar uma sopa quente ou uma chávena de café com leite ou só café. Quem não gosta de café? Quem não aprecia o seu café matutino? Quem não espera aquela hora de vinte em vinte e quatro delas. E estão ali. Ninguém sabe servir como elas. A ninguém sabe tão bem aquela refeição como ali. São elas. Consulta externa!...

Uma vez, no Porto — se me é permitido contar um pequenino caso —, uma vez no Porto, na Reboleira... Quem está aí do Porto? A Reboleira, no Barredo, no Barredo... Eu conhecia um homem que tinha sido carregador do rio, um hércules... que foi afeito aos pesos de sacos e de quintais, e veio-lhe uma doença daquelas que os homens ainda não sabem como se curam. Morava numa loja, numa loja externa, térrea, ele sòzinho, ele sòzinho. E eu entrei e fiquei mais amigo dele, apaixonado dele, depois do que ouvi e depois do que vi. Um dia, bato à porta. — «Não está». — «Foi a Lisboa». — «Foi curar-se». — «Uma senhora arranjou tudo, e ele foi». «Uma senhora...» tinha sido uma assistente social. Fez uma carta, fez um ofício — não sei se de 25 linhas, mas eles têm todos à volta disso. Vinte e cinco, vinte e quatro, aquilo anda por ali assim, e não vai mais adiante. Ela fez um ofício e o homem vinha-se curar. Foi-lhe dito. Você vai ao Instituto de Oncologia... O homem não ouviu aquela palavra, porque estava consumido com uma força maior: «aqui, aqui; veja, veja». E veio. E foi. Ia curar-se. Assim lho disseram, e lhe deram o ofício, a carta, o selo branco, aquilo tudo que o Governo dá, que o Estado dá. Dá aquilo e não pode dar mais nada porque não tem. Não tem, que não tem. Não pode. Não tem. Tem papel. E vai o homem, chega e estende. Quando eu ouvi dizer que vós, vicentinos do Rego, tínheis uma consulta externa, pus logo as mãos e disse: quem dera que no Instituto de Oncologia também hajam vicentinos ou vicentinas que, por amor de Deus, façam os prodígios que causam espanto ao mundo. Quem me dera... E se nesta minha vinda aqui resultasse isso, quão feliz. Não me importa saber quem são os contemplados nem quem os que contemplam. Isso não importa. Isso não é da nossa conta. Nós não temos nada com isso. Nós só somos os semeadores. E depois a semente segue os seus trâmites e a seu tempo produz. É assim, o pensamento universal é este. Os homens que vivem as obras de Deus não têm outra maneira de pensar ou de agir.

Mas então o homem foi. E chegou. E viu a desgraça. Pensava que era sòzinho e viu centenas e centenas de homens e de mulheres naquela via, portadores de carne apodrecida como a dele. E depois não viu mais ninguém. Entregou o papel e o papel foi para a Secretaria. Ficou ali. Mais um papel. Depois, mais tarde, sabe-se dele. Sabe-se que vieram à consulta externa tantos doentes, que isso é que importa saber-se, que é para o mundo saber estas coisas. Enganado; andamos todos enganados.

E depois veio-se embora. Caiu três vezes. Dacolá à estação — eu não sei bem aonde estou, mas é ali para cima, vós sabeis melhor do que eu. À primeira queda, foi um polícia que o levantou. À segunda, foi outro polícia que o levantou — um homem tão forte, tão nosso irmão, tão próximo de todos nós!... E à terceira queda foi alguém que passou. Colocou-o no combóio, e ele foi para a sua terra. E eu apareço, e quis saber. E ele disse-me: «enganaram-me, padre, enganaram-me, enganaram-me». «Olhe lá, venha daí. Temos ali um carrito, eu vou levá-lo! E talevz peça — peço com certeza — e, vamos a ver se me atendem. Você fica lá numa cama». «É aqui. É aqui que eu hei-de morrer. Não me tornam a enganar».

Ora ali, não. No Rego, não há isso. Há vicentinos. Não há isso. Não há coisas oficiais, mas há a bondade dos dirigentes clínicos daquela casa. Há a sopa, como digo. Há a refeição quente. E estão até a construir — não sei se já começaram, mas se não começaram já, vai para breve, eu estive lá hoje... — vão construir um abrigo para aqueles que não podem estar hoje, e vão, e ficam para o dia seguinte. Pois então, além da refeição quente, temos o leito.

E ficamos por aqui? Não. Quatrocentos tuberculosos, meus senhores. Vós sabeis tão bem como eu que um homem tuberculoso, quando vem a acção dos anti-bióticos fazer maravilhas, não as faz completas, deixa sempre ficar um homem doente ou uma mulher doente. É o nosso quinhão. É o nosso quinhão... Aquele homem, depois de ser tratado no seu leito, pela vigilância e pelo saber e pelos meios que tem em si a medicina, fica bom, sim senhor, pode ir embora, mas foi um doente de casaco e de calças se é homem ou de saia e blusa se é mulher. Vai doente. P'ra onde? P'ra casa de onde veio. P'rali. Que é que lhe acontece? Recair. E depois? O fim.

Outro dia — outro caso, se me dão licença, se me dão licença outro caso, outro caso... Eu ia p'ra um hospital e via sempre um mancebo alto, bonito. «Rapaz, que estás aí a fazer?» — «Estou aqui, já sofri três...» — ele disse «já levei três operações», que é como eles dizem. Já tinha sofrido três operações. Eu não sabia quem ele era nem lhe perguntava. E um dia, estando ali naquela casa-mãe que agora acabam de ver, em Paço de Sousa, vem este rapaz com a mãe dele. «Olá! por aqui?» — Sim. — «Que queres tu? Eu via-te no hospital. — Via. Estive lá sete meses. — E então, agora que queres tu? — Tive que me vir embora. — E agora? — Estou em casa. — Parabéns! — Oh! Não! Não tenho que comer...» — E a mãe ao pé a dizer, a confirmar: «ó meu senhor, eu não tenho que dar de comer ao meu filho. Tenho lá mais. E nem p'ràqueles que estão lá, chego». — E agora tem mais este... como não há-de compreender um homem nestas condições, como não há-de compreender, e amar, e fazer seus, tanto quanto possível, estes ares, estas casas de repouso que nós agora, aqui acabámos de ver. E vós, porque as vistes ali, ficai sabendo. Mas eu tenho outros títulos, outros títulos de as compreender e de as amar mais. De maneira que naquelas casas eu vivo.

É possível realizar-se uma obra de doentes, pelos doentes, para doentes. E já não é tanto para espantar que a casa das doentes seja administrada por mulheres, porque a dona de casa pertence às mulheres. Mas os homens... onde a dona de casa era um antigo caixeiro viajante, e não deixava nada a desejar... E eu estive ali umas horas a ver cada um na sua obrigação... Ninguém dizia «a minha cama», nem ninguém dizia «a minha casa» e não havia «o meu» nem «o teu», era «o nosso»... Aquele espontâneo de vida em comunidade. Segundo, uma casa melhor do que a deles, mas longe

de ser uma casa adequada, porque foi adaptada, e não tem um... nem aquele bocadinho de quintal, mas logo estrada daqui, estrada dacolá, nada reservada, às vistas de toda a gente, não há árvores, não há uma sombra, não há coisa nenhuma. E todos tão contentes, meus senhores... todos tão alegres! Vi de cores, vi pretos e vi brancos, vi classes e vi categorias e obrigações: e, se era um cozinheiro, estava na cozinha e, se era um sapateiro, estava na sua obrigação. Havia lá de tudo. Estavam uns 35. Obra de doentes, para doentes, pelos doentes! É possível, eu sou testemunha : obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes. Nos grandes colégios, havia de ser obra de estudantes, para estudantes e pelos estudantes. Nos grandes e tristes asilos, havia de ser a obra dos rapazes, pelos rapazes, para os rapazes. Muros abaixo, paredes abaixo! Que quem passe, espreite! Quem quiser, entre! Porta aberta, para saber, para indagar, para perguntar, para amar, para se comunicar. Até podíamos fazer das cadeias obra de presos, para presos, pelos presos. Claro, que a gente quando diz isto, fica logo assinalado — era um louco, — mas é verdade. Nós bem sabemos que o arrependimento vem pelo amor e não pelo medo. E então uma dessas cadeias famosas, que há tantas aí grandes que se fazem agora em Portugal, não houvesse esta regra: obra de presos, para presos, pelos presos... E dentro delas formar comissões, homens escolhidos p'ra tomarem conta e p'ra darem conta. Oh! Como faz bem! Ali, há bocado, estas raparigas na cozinha a tomar o seu café... Quanto não vale aquilo? Não há o regulamento, não há a disciplina, não há nada. É a família. Oh! família!

Elas agora querem comprar uma quinta. Estas senhoras querem comprar uma quinta. Dos fracos não reza... a História. Querem uma quinta e falam em mil contos como quem fala num tostão! E é assim que se fazem obras. É assim mesmo. Todas as grandes obras que se começaram baseadas na santa e altíssima pobreza, desprezando o dinheiro por aquilo que ele é em si. Eu, se pudesse falar... um caso, um espanto, um espanto que eu, sem querer, causei noutro dia aqui, na vossa linda capital. Estava um senhor à minha espera, à saída do «Foguete» e depois... «Você é que é F.?» — «Sou, sim senhor». — «Quero muito falar consigo». — «Então diga». — «Uma coisa muito importante. — Diga lá, venha neste carrito e vamos dizendo e vamos andando aí por essas ruas. — Eu sou advogado, claro. Há uma família cliente que decidiu deixar tudo à Obra da Rua. E começou a dizer... «Diga-me qual é o nome jurídico que se há-de pôr no testamento». E eu a ouvir e não respondia a nada. «E depois olhe: é isto, e é aquilo!» — Olhe, basta! Não diga mais nada, que isso não me interessa. — O quê? — Não, senhor. — Olhe que é este mundo e o outro. — Pois, por isso mesmo. Por ser este mundo e o outro. Não quero». É preciso desprezar. É preciso desprezar, para não cairmos na força da corrupção. Porque o dinheiro, a abundância do dinheiro, muito dinheiro, seja em que parte for, causou sempre a discórdia e a cegueira e a corrupção.

Ora, estas senhoras que vão fazer, que vão comprar a quinta, já têm o dinheiro. Outras receitas, elas não precisam que lhes diga, porque elas se não são mestras, não podem fazer a obra. Mas elas têm a experiência, com certeza. Para chegar até aqui, as vicentinas daqui e toda a gente que trabalha no mundo por amor de Deus já sabem onde há-de buscar os valores divinos que é a veemência de amar o pobre, a veemência de dar um cafezito àquele que o não tem, a veemência de levantar o que iria para casa morrer. E mais ainda: que eles têm um lar, onde estive hoje, estava ali, onde há nove recuperados, colocados. Que dificuldade a de recuperar um homem e colocar um

homem naquelas condições, quando os sadios e valentes e bem habilitados ficam à espera! Mas que dificuldades hoje e quando se ouve dizer, como elas têm ouvido dizer muita vez: eu podia empregá-lo aqui, mas está cá um... um reformado. Já está o lugar ocupado por um reformado. Quer dizer: está agora à segunda mesa. Deixou aquela e veio agora p'ra esta. E é tudo, tudo papado, tudo fechado! E elas já colocaram nove homens! A alegria daqueles homens verem-se novamente a trabalhar! O homem que se considerou a si mesmo e foi tido por um inútil e agora é útil. E isto são os mil contos que elas precisam, estão aí. Os mil? Eu digo tantos quantos forem precisos. E elas, como são mestras, — que devem ser com certeza, porque se não, não tinham chegado aqui — não olhem para outras receitas. Isso de pedir, está bem. Elas andam a pedir vinte e cinco tostõezinhos de cada vez. Aquilo é humilhante! Oh! é humilhante, porque é preciso muita constância, é preciso muita força de humildade. Mas isso é, são as obras de Deus, são assim. E mil contos são assim. Elas já podem fazer negócio com o homem que vende a quinta. Ele não fica sem o seu dinheiro. Está garantido, está garantido. Não falta, quando todo o mundo falha, quando todos os homens faltam às suas promessas, Cristo nunca faltou. Não pode faltar, porque se faltasse, vamos a rasgar o Evangelho. Ia dizer que andam no mundo há milhares e milhares de anos, milhões de homens enganados. E assim terminamos.

Eu gosto dos vicentinos muito, muito, muito. Entendo-me tão bem com eles!... Tenho vindo por aí a baixo, desde Paço de Sousa, já saí há dois ou três dias e agora vou por aí abaixo — não sei quando chegarei a Paço de Sousa — com um livro de cheques na mão, a cortar cheques e a dar deles àqueles que estão dispostos e já começaram e querem continuar a fazer o bem — casas para abrigar pobres!

Meus queridos ouvintes, para terminar: o pobre, o homem é hoje um trunfo com que se jogam as cartas e se ganham todas as partidas. É o valor que está em causa, não digo o homem económico, não digo o homem-algarismo, não digo o homem-número, digo o homem sobrenatural, o homem riqueza divina desprezada até aos dias de hoje. É por isso que os vicentinos são hoje a grei. Então, aquele sermão do Padre Pedro em Paris, na Quaresma deste ano... cinco domingos, cinco sermões, cinco teses: o homem sem pão, o homem sem trabalho, o homem sem letras, o homem de doença incurável. Na cidade de Paris, numa emissora, toda a França ouviu estes cinco temas. Mas então onde está o Dogma? Onde os atributos e a essência de Deus? Aonde a vida e os mistérios de Cristo? Aonde a vida dos santos? Isso não importa. Está o homem sobrenatural, o caminho por onde nós temos que alcançar a rota que devemos seguir para conseguirmos o nosso fim. O juízo de cada um de nós, a corte ou o tribunal de cada um de nós é formado por aqui: «olha uma telha para a minha casa, nunca a tive; tinhas tantas... Olha que eu não tinha nada que vestir, e as costureiras, a alta costura tão ocupada contigo, etc., etc., etc.» Ora bem. É pelo homem que nós vamos. Por isso, cumprimento, felicito, faço minha espiritualmente a obra dos vicentinos do Rego. Inveja, inveja não. Mas confraternizo, com a alegria delas. E recomendo-lhes muita coragem, muita coragem. Muita coragem, porque Deus não tira a Cruz de cima de nenhum de nós. Não tira, não tira. E cada um tem a sua. Mas ajuda. A filosofia divina tem forças para tirar-lhe o fel, tirar-lhe o que amarga e ficar só o divino.

E então agora estão lá fora duas capas ou três e quem passar faça favor de não se esquecer, porque elas precisam realmente dos mil contos. Estão a trabalhar, elas

estão a trabalhar pelo recto caminho. É por aqui que elas os arranjam, mas por maneiras humanãs. Mas não vamos agora nem para acreditar em Deus precisamos que Ele faça das pedras e dos tijolos, faça notas e faça libras. Não, senhor. Há-de ser pelos meios ordinários. Mas hão-de chegar ao ponto que elas querem. E então eu pedia, como se fossem para mim. Mas agora, agora uma dificuldade: pedir, você, padre pedir? Você precisa para si, não é verdade? Então nós quando temos a nossa obra, não precisamos que nos dêm para a nossa obra?... E até mandamos embora aqueles que parece que nos fazem mal, vindo pedir ao nosso domínio: «lá p'ra fora, nós cá também temos a nossa obra». Não, senhor. É falso, isto é o mundo a falar. Nunca pedimos tanto nem tão bem para nós como quando pedimos para os outros. Eu tenho a certeza absoluta que nunca peço com tanta eloquência para estas obras que agora aqui aparecem, nem com tanto fruto como pedindo zelosamente para estas vicentinas que querem fundar uma quinta para acolá. Porquê? Onde está o segredo desta obra? Pela alegria, vicentinas, pela alegria imensa que vós ides semear na alma daqueles rapazes e daquelas raparigas esquecidas do mundo. E elas agora ou eles agora naquela quinta, ocupados com os animais domésticos e com as culturas e com as ceifas e com os frutos esquecerem-se da sua doença abolutamente e ocupados com as forças da natureza, a natureza a brotar da terra... E Deus é o Criador das coisas visíveis e invisíveis. E saber eu, escondido e perdido na multidão que passa, ele o meu quinhão, o meu interesse está aí assim. Posso ficar, poderia ficar lesado. Que importa? Se outros vão lucrar por uma medida muito maior. Aqui está o segredo, de quê? Do que agora disse: nunca pedi tanto nem tão bem para a nossa obra da Rua, como pedindo para a obra das vicentinas do Rego. E então peço. Ninguém passe por pé da capa sem de desobrigar. Ninguém vai saber quanto nem como. Deixa ficar e vai-se embora.

Desejo a todos muito boa noite!»

« Deu-me Deus esta doença de O ver em toda a parte »

Padre Américo

A UNIDADE DO AMOR

Nunca como em nossos dias se tem pregado tanto a fraternidade e se tem vivido tanto numa redoma de individualismo. Isto porque a fraternidade que o mundo apregoa não passa de um mentiroso arremedo da verdadeira realidade fraternal — o Amor de Deus, raiz e fundamento de todo o verdadeiro amor do próximo.

E porque isto assim é, a equação é perfeita: quanto mais se prega uma fraternidade meramente terrena mais e mais se propaga a injustiça social e colectiva. Não tenhamos ilusões. Na medida em que os homens se esquecerem de banhar na luz de Deus os seus conceitos e os seus actos, nessa mesma medida lhes roubam toda a sua realidade profunda — a sua relação com o divino.

É que criados por Amor, foi pelos seus frutos que desabrochámos para a vida da graça e será o Amor que nos levará à posse definitiva de Deus. Cortado este circuito de íntima e intensa caridade em que se desenrola toda a nossa vida, caímos em nós mesmos e por isso mesmo no que não é.

O que faz pena é verificar que os próprios cristãos não vivem as riquezas da sua fé. Daí a vulgaridade das suas vidas, por vezes mesquinhas e pouco exemplares. O defeito é de todos nós. Desconhecemos mesmo a nossa projecção neste circuito de Amor que se inaugurou com a criação do mundo, que se restaurou com a Incarnação, e que terá a sua meta — não o seu fim — com a vinda de Cristo, o Esposo de que fala o Apocalipse, a quando da plenitude dos tempos. E porque desconhecemos não vivemos. Porque não vivemos não crescemos. E porque não crescemos não deixamos crescer. E deste modo somos obstáculo à extensão do Reino, ao desenvolvimento harmonioso da grande família de Deus, deste grande Corpo Místico de que Cristo é a Cabeça e nós os membros. E como tudo se transfiguraria se nós compreendêssemos! E como a vida tomaria novo sentido se nós vivêssemos! Como o mundo seria outro se nós mergulhássemos mais fundo em Deus. Mas para isso temos de nos projectar fora de nós, dos nossos egoísmos, dos nossos critérios, dos nossos próprios conceitos. Temos que nos deixar, não pelo gosto doentio da renúncia mas pelo desejo de enxertarmos em Cristo toda a nossa vida, para lhe darmos realidade. E será n'Ele que nós projectaremos toda a nossa vida para com Ele e por Ele formarmos com os nossos irmãos uma só família, perdida na unidade do Amor, raiz de todo este mistério profundo que é a Comunicação dos Santos.

E que é este mistério senão o mistério do Amor? E que é este mistério senão a vida de Deus — a Caridade — a circular pujante e vitalizadora nos membros do Corpo de Cristo? E onde o fundamento desta dádiva total da vida de Deus, Trindade Santíssima, às nossas almas senão na incompreensível Caridade divina? É ela que une, congrega e identifica no Amor esta grande família da terra, a Igreja militante, que caminha na união da caridade com a Igreja padecente para a Pátria Celeste onde a Igreja conhecerá o triunfo completo que Cristo amorosamente lhe preparou.

Se nós vivêssemos estas verdades, como a nossa vida seria outra. Onde o desespero, a esperança. Onde a dor, a alegria. Onde a morte, a vida. Isto, porque depois que Cristo nos fez Seus pelo Seu Sangue nós já não nos pertencemos. Somos os sarmentos. Ele é a cepa. Somos os membros. Ele é a Cabeça. E porque assim, todos n'Ele somos um. Somos fruto da Sua oração divina: Pai, que todos sejam um. Donde o não haver lugar para egoísmo nem individualismos. Amor é por si mesmo dádiva total, entrega incondicional, oblação perfeita. Cristo foi o exemplo. Nós só temos que nos perder n'Ele porque na medida em que não formos nossos seremos, n'Ele, de nossos irmãos.

* * *

Não basta conhecermos a riqueza da doutrina da Comunhão dos Santos. É preciso ir mais fundo e vivê-la. E isto será possível, na medida em que tomarmos consciência do nosso lugar adentro da Igreja. O cristão é um cidadão do Reino. O Reino é esta grande família a quem os laços da caridade unem e fortalecem. E porque família, há entre os seus membros um laço objectivo de ligação e intimidade. E porque família de Deus, exige a presença da Sua própria vida, do Seu amor, da Sua graça. Daí essa ideia tão profundamente teológica e tão querida da tradição apostólica de chamar ao mistério da Eucaristia o Sacramento da unidade. Cristo, que encerra em Si toda a vida de Deus dá-a os homens dando-lhes o Seu Corpo. É S. Paulo, na sua primeira Epístola aos Coríntios (X-16-17) quem nos expõe esta doutrina. «O pão que partimos não é uma comunhão no Corpo de Cristo? Porque ainda que em grande número, somos um só pão, um só corpo, nós todos que participamos do mesmo pão». Há nesta afirmação de S. Paulo uma riqueza teológica profundíssima. Da união ao Corpo de Cristo, princípio absoluto da unidade, segue-se lògicamente a união dos fiéis entre si, na comunhão do Pão Eucarístico que é o próprio Corpo do Senhor. Razão tinha Santo Agostinho, ao querer fazer sobressair esta unidade, para afirmar que não somos nós que assimilamos o Pão Eucarístico como um alimento qualquer, mas é Cristo que nos assimila e nos transforma em Si. Ele é a fonte suprema da nossa unidade porque é a dádiva total da divindade aos homens. E esta ideia de união íntima e indestructível quis-no-la inculcar o Apóstolo quando apelou para o pão e não para o cálice, como fundamento da unidade. É que, como diz o Padre Allo «a espécie do pão, alimento sólido, representa melhor a força de concentração que une os fiéis num corpo compacto».

E por aqui vemos que «o mistério da Comunicação» termina num mistério de comunhão.

Este desejo de profunda união de todos nós em Cristo, está expresso, com vigorosa felicidade, nestas expressões de M. Olier: «O desejo de Nosso Senhor na multiplicação do Seu Corpo» não é outro senão: de fazer de todo o mundo uma única Igreja; de todos os homens, um único *Religioso;* de todas as vozes, um único louvor; de todos os corações, uma única vítima n'Ele.

Por isso só na medida em que nos deixarmos possuir pelo próprio Cristo, comungando no Seu Corpo e na Sua Caridade, começamos a compreender perfeitamente, porque o vivemos já, o mistério da Comunhão dos Santos.

A nossa vida perderá todo o seu aspecto mesquinho e acanhado porque viverá já os próprios interesses de Deus. Acabará a estreiteza de visão porque a Igreja começará a ser para nós uma realidade viva, um corpo real composto de irmãos nossos, vivendo a mesma vida, sofrendo os mesmos dramas, vivendo da mesma graça, participando nos mesmos sacramentos, na mesma fé, na mesma esperança e no mesmo amor, cúpula suprema de todo este mistério.

* * *

O aspecto *social* do Corpo Místico de Cristo dá à nossa vida novas possibilidades. Rasga-nos fronteiras. Alarga-nos horizontes.

Começamos por ver toda a grandeza da vida cristã. Não somos seres isolados. Não nos salvamos sòzinhos. As nossas orações têm repercussão em todos os nossos irmãos a quem o vínculo da caridade prende ao mesmo Cristo. Elas têm eficácia porque tudo o que é feito n'Ele tem sinal de perenidade. Delas depende a salvação dos outros, assim como a nossa própria santidade é o fruto de tantas orações e sacrifícios de outros tantos irmãos.

— Estas perspectivas novas que se abarcam não são meras deduções teológicas. São doutrina certa que a Igreja nos ensina para que a vivamos. E só vivendo podemos começar a entender. Donde o aspecto prático desta verdade: o cristão não tem o direito de se fechar sobre si mesmo, mas tem de alargar o seu coração e os seus desejos até onde se alargam o coração e os desejos do Mestre. Quem viver esta doutrina não mais deve falar de «meu» ou «teu» mas deve começar por viver o «nosso» porque nosso é o Pai que está nos Céus. Daqui nasce a primeira característica, o aspecto missionário de cada uma das nossa vidas. Rezar pela Igreja que é feita de tantos irmãos nossos para que eles a tornem «sem ruga nem mancha» segundo o desejo do Apóstolo. Rezar pelos ramos mortos desta grande árvore para que a seiva os penetre de novo. Rezar pelos membros doentes do Corpo de Cristo para que o Seu Sangue, derramado por eles, se não torne inútil e infrutífero.

Rezar e sofrer. Sofrer e merecer. E sobre este aspecto quanto não há a considerar! O valor do sofrimento! Os méritos que o acompanham! Toda essa riqueza que tantas vezes se perde, quando poderia ser salvação para tantos!

O desejo de sofrer por Cristo em favor dos nossos irmãos é da Escritura. É o mesmo S. Paulo que no-lo ensina vivendo-o. «Eu alegro-me agora nos sofrimentos que sofro por vós e, aquilo que falta aos sofrimentos de Cristo, eu o acabo na minha carne, em favor do Seu corpo, que é a Igreja».

Que admirável visão a do Apóstolo: Sofrer na sua carne o que falta aos sofrimentos de Cristo. Mas faltará alguma coisa à Paixão do Senhor? Decerto que não, no campo dos méritos. Mas quanto à aplicação dos mesmos, os planos de Deus são outros.

O Senhor Jesus quer os nossos trabalhos, as nossas canseiras, os nossos sofrimentos, a nossa própria morte, como instrumentos dos seus méritos redentores.

Que profundidade nestas linhas mestras na teologia do sofrimento. S. Paulo não perde de vista o valor da redenção das suas dores «em favor do seu corpo que é a Igreja». Sofrer, para ele, é completar Cristo, prolongá-lO. Por isso oferece tudo o

que sofre pelos colossenses a quem escreve a sua epístola. Ele tem a convicção profunda que os seus trabalhos e dores lhes aproveitarão já que não tem possibilidade de os ir doutrinar pessoalmente. Daqui se deduz que independentemente da acção directa, da pregação, da própria oração, «os méritos dos justos aproveitam aos membros da Igreja; há assim uma comunhão dos Santos, fundada sobre a unidade do Corpo Místico».

E este sofrimento de que nos fala S. Paulo é o nosso sofrimento. É este arrastar de um corpo que é de barro, mesmo quando é templo da Santíssima Trindade. É este choque contínuo com as coisas. É a própria dureza da vida, do trabalho, depois da sentença que o homem mereceu pelo pecado: «comerás o pão com o suor do teu rosto». Mas para quem vive em Cristo a vida tem sentido novo. Nada é indigno nem vulgar, por mais penoso que seja. Tudo salva e redime quando o amor no-lo ensina a projectar em Cristo, e por Ele, em nossos irmãos. Tudo em nós, chegados aí, dá frutos de redenção.

* * *

O pecado é a grande mancha do Corpo Místico. E não é difícil vermos a razão de tal. O pecado grave corta toda esta corrente de caridade que é o vínculo da união. O pecado venial resfria os laços do amor e vai paralizando, aos poucos, a vida de Deus nas almas.

Mas esta vida não é apenas minha. É património comum dos filhos de Deus. Donde tudo o que eu faço por enfraquecê-la, é além duma ofensa a Deus, um roubo que faço aos homens, meus irmãos.

É este um dos aspectos que mais choca neste mistério da Comunhão dos Santos. Assim como se afirma que uma alma que se eleva eleva o mundo, assim se pode dizer que uma alma que peca enfraquece, de certo modo, a vida da graça nos outros membros do mesmo corpo.

Há um aspecto social na teologia do pecado que não é mera rectórica. É a dedução lógica da unidade do Corpo Místico. É o princípio contrário da comunhão no mesmo amor. É uma exigência da liberdade do homem, liberdade que a própria graça nunca rouba, nem afecta. É o testemunho claro e irrefragável que a Igreja é composta de homens. É a presença da terra. É o duelo constante do céu e do inferno adentro de cada um de nós. Mas se nós olharmos para o pecado por este prisma temos a vitória alcançada. Não é só a nossa própria felicidade que está em jogo. É a de nossos irmãos. É a desta família cujo Pai é Deus, e Cristo, o Irmão mais velho. É a desta comunidade a que preside o Espírito Santo como fogo de caridade. Quem aqui chegou alcançou já a vitória do amor. Com Ele a virtude é mais fácil e a doação mais divina.

* * *

O dogma da Comunhão dos Santos só será perfeito quando da Ressurreição final. Nessa altura a comunhão da mesma vida divina será total, completa, eterna. A caridade, única virtude que subsiste para além do tempo, congregará todos os

homens na mesma posse de Deus. A Igreja repartida pela terra, pelo purgatório e pelo céu reunir-se-á finalmente para o louvor perene e perfeito tendo à frente de si o Cordeiro Divino que A oferecerá ao Pai. Será a consumação de toda esta liturgia cultual que nós, em nome de Cristo, oferecemos todos os dias a Deus como membros da sua Igreja.

Será cerimónia da liturgia celeste. Será a posse plena e directa de tudo aquilo que temos recebido em sinais. Será o fim. E esse fim é a chegada lógica da doutrina exposta.

Porque nos movemos no campo sacramental, com dificuldade apreendemos a sobrenaturalidade que se esconde nos sinais que a Igreja nos oferece. Materializamos porque não meditamos. Se o fizéssemos, veríamos que a posse de Deus é já deste mundo. A liturgia do céu é o desabrochar pleno da liturgia da Igreja. Sem esta não se chega àquela e esta não é um mero símbolo pois que é já participação na vida de Deus.

Entremos em nós mesmos e vivamos em união com Cristo e com nossos irmãos a vida de caridade que iremos continuar no céu.

Será esta a melhor maneira de sabermos o que é a Comunhão dos Santos, uma vez chegados à unidade do Amor.

ALBERTO NETO

O «MOVIMENTO LITÚRGICO» E A SUA REPERCUSSÃO NO PATRIARCADO

Conferência proferida nas Bodas de Prata do Seminário dos Olivais pelo *Rev.mo P.e Adelino Narciso,* pároco do Entroncamento.

EMINENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR
CARDEAL PATRIARCA
EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR
NÚNCIO APOSTÓLICO
EX.mo SENHOR SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
EX.mos e REV.mos SENHORES ARCEBISPOS E BISPOS
EXas REVERENDÍSSIMAS
REV.mos SENHORES

I — Introdução

a) Importância do Movimento de Liturgia Pastoral

Quando se escrever, a séculos de distância, a história da Igreja do nosso tempo há-de avultar como um dos maiores acontecimentos o chamado «Movimento Litúrgico».

Não pelos seus aspectos de pormenor, por vezes de interesse nulo (dois ou três centímetros a mais ou menos em veste sagrada, um pano verde em lugar de vermelho a servir de guarda-pó), mas sim pelo que trouxe de essencial, de vital, pelos caminhos novos que rasgou na própria vida da Comunidade Cristã, porque «a Liturgia, disse-o Vossa Eminência, Senhor Cardeal Patriarca, não é apenas um complicado Código de Rubricas e Decretos, ou um conjunto de gestos, orações e leituras, cuja execussão comova, pela sua harmonia, sentimentos exteriores do homem. A Liturgia é vida, é a vida da Igreja, é a vida do próprio Cristo a jorrar do sacrifício, e a fluir em abundância pelos sacramentos e sacramentais».

E o Movimento Litúrgico foi quem levou o Povo Cristão a redescobrir esta vida de que andava arredio, e o fez encontrar de novo o alimento substancial da sua piedade, e sentir-se outra vez divinamente orgulhoso na comunhão de vida com Cristo Senhor Nosso. Por isso figurará na História da Igreja, ou, o que é o mesmo, na História divina da humanidade redimida, como acontecimento de primeira grandeza.

b) Origem e Evolução

Nasceu «oficialmente» há pouco mais de cem anos, embora cuidadosamente pre-
lo por brilhantes pioneiros já desde o Século dezoito.

Moehler, Scheeben, os focos litúrgicos de Solesmes e Beuron, D. Gueranger, D.
bert Beuduin, renovação da Eclesiologia a partir dos ensinamentos Paulinos do
o Místico, marcam-lhe etapas das principais.

S. Pio X traçou-lhe os rumos definitivos e oficiais. Pio XII confirmou-o e deu-lhe
envolvimento que não podia ser previsto.

O «Motu Proprio» Abhinc duos annos» de 1913, as Encíclicas «Mystici Corporis
sti» de 1945, e «Mediator Dei» de 1947, e a «De Musica Sacra» de 1955, bem como
nova disciplina da Semana Santa, do ano passado, são os documentos oficiais ema-
dos da Suprema Autoridade que lhe traçaram as normas e directrizes certas e deci-
vas, e ao mesmo tempo colocaram os seus Autores, os Augustos Pontífices S. Pio X
Pio XII, na esteira magnífica dos Excelsos Papas da Cristandade. Não se extin-
uirá a linhagem ilustre dos Papas Liturgistas, os Grandes S. Gregório Magno, S.
io X e Pio XII.

Não cabe na pequenez desta simples conversa mais que brevíssima resenha a
marcar os cumes mais salientes da já brilhante história do Movimento de Liturgia Pas-
toral.

c) Linhas Mestras

O movimento conhece-se pelo rumo que segue, pelo fim que pretende alcançar.
Não será, pois, destituído de interesse apontar, embora em simples esboço muito rápido,
as principais linhas mestras que estruturam o Movimento de Liturgia Pastoral. E
diremos apenas de algumas.

1) Um dos mais graves problemas que se põem ao apostolado dos nossos dias
é sem sombra de dúvida a separação profunda entre o Povo e a Igreja. Uma autêntica
barreira se interpõe entre a Comunidade humana e os meios de santificação que a
Igreja de Cristo lhe oferece.

São várias as causas, e vindas de longa data, que levaram o nosso Povo a
fundir a sua vida em moldes essencialmente diversos dos que a Igreja modelara em
longos séculos de vida experiente.

É o fenómeno a que chamamos da «descristianização», e não podemos esquecer
a sua gravidade extraordinária. Não apenas os homens se afastaram por desconheci-
mento, mas tornaram-se espiritualmente estrangeiros no meio do Povo de Deus.

Enorme barreira se levantou entre a Igreja e os homens que mesmo quando pro-
curam Deus pretendem seguir caminhos que não passem pela Igreja.

Destruir esta barreira, incorporar os homens todos, a começar por aqueles que
ainda se dizem cristãos, na Vida plena da Comunidade Cristã, é um dos fins supre-
mos do Movimento Litúrgico.

2) Mas o povo não entrará na Igreja espontâneamente e de roldão. Nem inte-
ressa que venha atraído apenas por vago sentimentalismo. Impõe-se conveniente dou-
trinação que dissipe as trevas densas da confusão e do erro e conduza à luz serena da

verdade de Cristo. Importa que a Vida Cristã, em todo o seu esplendor e profundidade, seja conhecida e amada por todos os homens. Dar-lhes o conhecimento da Liturgia para que a compreendam e vivam. E a todos, que não apenas a escolhida elite. «A Liturgia, repetiu-o recentemente o Santo Padre ao encerrar em Roma o Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis, constitui função de toda a Igreja, e não apenas dum grupo ou dum movimento determinado».

3) E não se julgue que tudo está feito quando se der ao povo a possibilidade de conhecer os textos da Liturgia, e as suas cerimónias mais ou menos expressivas.

O Movimento Litúrgico sabe perfeitamente que a causa do afastamento dos povos não é o desconhecimento da língua em que os textos se acham redigidos. Semelhante à nossa é, por exemplo, a liturgia dos Anglicanos, que embora a realizem em vernáculo verificam o mesmo desinteresse e a mesma deserção.

São as noções expressas naqueles textos que o povo não entende. A mentalidade, o clima em que a Liturgia vive é que é hoje profundamente estranho ao que vive o povo.

Aquilo mesmo de que a Liturgia fala, a verdade existencial que a Liturgia vive é desconhecida, ignorada, mesmo dos nossos cristãos.

É necessidade premente dar-lhes o conhecimento e o sentido, a sabedoria dos mistérios que a Liturgia celebra.

4) A Bíblia é a fonte principal não só dos textos mas igualmente das noções que criam a mentalidade, o clima, os sentimentos que estruturam a Vida Litúrgica.

A Bíblia, a grande desconhecida do Povo Cristão! Chegam alguns ao extremo de supô-la coisa ruim de protestantes.

Desvendar-lhes o sentido da Sagrada Escritura, habituá-los a ler e a meditar, a rezar os Livros Santos, não é dos mais pequenos anseios do Movimento Litúrgico.

5) A Igreja é o Povo de Deus, não só por virtude duma Aliança mas por força de Regeneração Sobrenatural.

Muito se afastaram desta ideia os nossos cristãos vivendo para si uma vida espiritual fragmentada, presa por ténue fio às fontes divinas.

Impõe-se despertar no Povo o sentido da Comunidade Cristã, verdadeira comunidade de vida e de acção, indispensável para se viver em toda a plenitude a Palavra de Jesus: que todos sejam um!

6) Para a realização do seu vasto programa encontra o Movimento Litúrgico um obstáculo humanamente insuperável: a restauração da vida litúrgica como ela era nos tempos áureos manifesta-se desadaptada para os homens do nosso tempo. E daí resulta que o Movimento não pode ser um simples retorno ao passado, desenterrando monumentos maravilhosos que não servindo as necessidades do mundo de hoje seriam apenas motivo de admiração e contemplação extática.

A Liturgia é uma Vida e tem por isso algo de perene que jamais envelhece, actual em todos os séculos. Mas tal como o ser vivo restaura-se constantemente adaptando-se às novas circunstâncias de meio, de ambiente, de clima procurando servir sempre com perfeição as necessidades novas que a cada instante vão surgindo.

Importa sobretudo restaurar o equilíbrio perdido entre a Liturgia e o povo Cristão, e para isso se, por um lado, se há-de prestar ao povo tudo o que possa ajudá-lo a

compreender, a sentir e a viver a Liturgia, por outro lado é muitas vezes indispensável fazer a adaptação da Liturgia aos homens do nosso tempo.

É o que vem fazendo a Igreja quando o julga oportuno, sob a acção vigilante do Espírito Santo. É a «ratio pastoralis» que tem motivado a maior parte das «inovações» ou simples reposições dos nossos dias.

II — O Movimento Litúrgico em Portugal e no Patriarcado

a) Em Portugal

Não é difícil traçar ràpidamente a história do Movimento Litúrgico em Portugal e no Patriarcado, apontando-lhe apenas os cumes mais salientes.

Nasceu oficialmente em 1926 no Congresso de Vila Real, promovido por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo actual de Aveiro, e sob a presidência do Ex.mo Núncio de Sua Santidade, Mons. Nicotra.

Já de há anos vinha sendo preparado por figuras inesquecíveis de pioneiros, como o grande liturgista Dr. António Ribeiro de Vasconcelos, Professor na Universidade de Coimbra, Mons. Coelho Ferreira, Cónego e Cerimoniário da Sé Patriarcal, Mons. Freitas Barros, Pároco que Deus conserve ainda por longos anos na Cidade de Lisboa.

Após o Congresso houve um período de intensa actividade, com o saudoso e dinâmico Mestre D. António Coelho e as revistas que fundou e dirigiu, «Opus Dei» e «A Vida Paroquial», a movimentar Portugal de lés a lés.

O Mosteiro de Singeverga, dos Beneditinos Portugueses, tornou-se admirável centro de irradiação litúrgica.

Em 1928 realiza-se em Braga o «Congresso de Liturgia Romano-Bracarense», verdadeiramente o primeiro congresso litúrgico nacional.

Em 1931 foi criada a «Liga de Acção Litúrgica e Paroquial» que dois anos depois o Venerando Episcopado aprovou e fez promulgar, tomando assim em suas próprias mãos o comando directo do Movimento em Portugal.

b) No Patriarcado

Pelo que toca ao Patriarcado não é exagero nem vaidade afirmar que se encontrou desde a primeira hora na vanguarda, a abrir caminho e tantas vezes a traçar decididamente rumos de luz que em breve alumiaram o país todo.

Entre os três principais pioneiros já citamos dois de Lisboa. E de outro ainda, o maior de todos, falaremos adiante.

Em 1932 realizou-se a «Semana Litúrgica» de Lisboa. Não foram apenas dias de estudo, mas o ambiente que então se viveu manifestou bem claro o alto nível a que já subira o contacto do povo da Cidade com a Liturgia.

Por iniciativa de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca realizou-se neste Seminário e sob a direcção de professores seus, os Reverendos Padres Pascal Piriou e Inácio Aldassoro, a «Semana de Canto Gregoriano».

E os Sacerdotes do Patriarcado, sobretudo desde a fundação deste Seminário,

têm desenvolvido enorme e fecuda actividade no campo da Pastoral Litúrgica. Se não têm sido maiores os êxitos isso deve-se sem dúvida às circunstância trágicas do nosso trabalho que tornam verdadeiramente heróico o esforço dispendido.

III — Acção decisiva do Seminário dos Olivais no Movimento Litúrgico no Patriarcado e em Portugal

O Patriarcado, disse eu, esteve desde a primeira hora na vanguarda do Movimento Litúrgico em Portugal . E deve-o a dois factores decisivos: um Homem e uma Casa.

a) O Seminário

Ao criar este Belo Seminário quis Vossa Eminência, Senhor Cardeal Patriarca, dotá-lo com Estatuto Novo que de propósito redigiu. Nele vincou claramente a orientação que queria fosse dada na formação dos novos Padres.

E o cuidado posto na regulamentação da Vida Litúrgica da Comunidade é índice do desejo veemente de dotar os Sacerdotes aqui preparados com instrução e formação litúrgicas que lhes permitissem renovar eficazmente a Pastoral no Patriarcado, reforçando, talvez agora com mais coesão, a actividade daqueles pioneiros que já de há muito trabalhavam por essa Diocese fora.

E o Seminário dos Olivais tornou-se desde o primeiro dia grande centro de cultura e irradiação litúrgica, sem sombra de dúvida o maior de Portugal. Foi aqui que os Padres primeiro e os cristãos depois aprenderam a cantar e a rezar as orações da Igreja, a viver o mistério fecundo da sua liturgia.

É pena que não seja possível relatar neste momento o resultado de recente inquérito feito ao estado actual da Pastoral Litúrgica na nossa Diocese. Circunstâncias diversas o impedem, mas seria deveras elucidativo, e por ele veríamos como é grande já a renovação operada: na mentalidade, nos processos de trabalho pastoral, na hierarquização de valores, nas iniciativas empreendidas, e nos magníficos resultados obtidos. Revela o inquérito, por exemplo, o que tem sido a actuação admirável no sentido de levar a Assembleia Cristã a tomar parte activa e consciente nas Missas do Domingo, pelo canto, pelas atitudes, pela dialogação, etc. E até a Missa Cantada Dominical que em algumas Freguesias se tem experimentado com grande êxito. As cerimónias da Semana Santa Reformada despertaram tal entusiasmo que decerto se fosse conhecido de Sua Santidade haveria de consolar o Seu Coração Amantíssimo de Pastor Vigilante e oportuno. E é índice de compreensão e do adiantamento da Pastoral Litúrgica entre nós.

E o Seminário dos Olivais encontra-se na base deste Movimento. Foi aqui que pràticamente tudo começou (aparte o trabalho inteligente de alguns pioneiros). Foi daqui que tudo irradiou.

O Seminário pode hoje celebrar com orgulho as suas Bodas de Prata.

Propositadamente foi escolhido para tema de trabalho desta sessão a sua acção decisiva no Movimento Litúrgico do Patriarcado, por ser das facetas mais características da sua multiforme e valiosa actividade.

Vossa Eminência pode sentir-se contente ao rever neste momento solene o tra-

balho do Seminário dos Olivais que foi sempre e bem merecidamente o «Filho Dilecto» do Coração de Vossa Eminência.

Não correspondeu, talvez, inteiramente aos sonhos grandes sonhados nos primeiros tempos! Não significa pequenez no Seminário mas antes sublimidade em Vossa Eminência. E quem sabe se aqui ou além ele não terá superado o que humanamente se poderia prever e esperar!

Por isso e em nome de todos os Sacerdotes da Diocese e de todos os Diocesanos do Patriarcado eu saúdo e peço licença para felicitar, com o mais sentido «parabém», a Vossa Eminência pelo vigésimo quinto aniversário da fundação desta Casa, uma das realizações mais importantes que a Igreja de Portugal fica devendo a Vossa Eminência.

E simultâneamente prestar ao Seminário dos Olivais, aos Padres Ilustres que o fizeram grande, desde os da primeira hora até aos de hoje, discípulos atentos e dignos sucessores dos primeiros, a homenagem sincera do nosso muito obrigado, simples mas profundo, pelo muito que lhe devemos, não só os Padres que aqui fomos formados, mas a Diocese inteira.

Ao Seminário dos Olivais, na pessoa do seu ilustre Vice-Reitor o nosso «Muito Obrigado».

b) Mons. Pereira dos Reis

Afirmei que a Acção Litúrgica desenvolvida no Patriarcado de Lisboa se deve principalmente a uma Casa e a um Homem.

Disse da Casa: o Seminário dos Olivais.

Resta ainda falar do Homem.

Entre os grandes pioneiros do Movimento em Portugal faltou apontar o Maior.

Desde a primeira hora na vanguarda, arrastando com sua palavra convincente todos os de boa vontade, formou as primeiras elites de «cristãos novos» na cidade de Lisboa.

A freguesia que paroquiou foi modelo de Comunidade Cristã.

Nos Congressos e nas Semanas de Estudo, em Portugal e no Estrangeiro, a sua presença cativante e a sua palavra iluminada, rasgavam horizontes largos abrindo caminhos seguros através de opiniões emaranhadas e de reticentes posições.

Em hora feliz, quiçá de inspiração divina, Vossa Eminência Senhor Cardeal Patriarca, o chamou para presidir aos destinos deste Seminário. E foi o Sol que veio iluminar a Igreja de Deus.

«Ut sole luna» aqui incendiou aqueles que foram depois luzeiros por esse Patriarcado fora.

Neste dia solene de comemoração das Bodas de Prata do Seminário dos Olivais, do nosso Seminário, eu peço ainda licença para render as mais profundas homenagens e apresentar os melhores agradecimentos em nome dos Padres da Diocese, àquele que, com o exemplo da sua vida e o fulgor da sua inteligência, foi capaz de fazer desta Casa o foco maior de irradiação da Pastoral Litúrgica na Diocese e em Portugal: Mons. Pereira dos Reis, o nosso saudoso e inesquecível Mons. Reitor.

Pode na verdade dizer-se sem receio de contradita, que foi Sua Ex.ª Rev.ma quem criou o intenso ambiente de Vida Litúrgica que todos respirámos neste Seminário.

Se a Diocese deve ao Seminário quase tudo o que em liturgia pastoral se tem feito, o Seminário deve a Mons. Reitor tudo o que o fez grande no campo da Liturgia.

IV — Deficiências no estado actual do Movimento Litúrgico no Patriarcado

O Seminário foi o grande foco de irradiação do Movimento Litúrgico no Patriarcado. Foi e é, e importa que o continue a ser, sob pena de se dar vertical descida no ambiente diocesano.

As tradições fortes têm-se mantido através destes vinte e cinco anos de vida. Mudaram-se os Mestres, mas o espírito ficou sempre o mesmo.

Discípulos dos primeiros os actuais Professores têm continuado o mesmo esforço e a mesma acção. O ambiente de hoje é talvez mesmo mais propício, que a força da tradição pesa soberana a coadjuvar a sábia e esclarecida actuação dos Mestres de agora.

Não se julgue, porém, que tudo são glórias e perfeições.

Obra de homens não podia isentar-se daquelas imperfeições que são marca inevitável da pobre natureza humana. Nem tudo está feito. Falta talvez ainda o principal.

No inquérito feito aos Padres saídos desta Casa (que é pena, repito, não poder tornar-se já hoje conhecido) apontavam quase todos a pouca profundidade do Movimento Litúrgico entre nós.

Algumas realizações, magníficas e de surpreendentes resultados, a conquista total dos Seminaristas daqui para o Movimento, o ambiente propício que se criou, são factos inegáveis que demonstram a grandeza do caminho percorrido.

Mas anda-se ainda muito pela rama, em trabalho de superfície. Em parte pelas circunstâncias péssimas em que decorre a nossa actuação; mas em parte também porque o Seminário ainda não conseguiu formar em profundidade os Padres que saem dele. Já passou o tempo das discussões apressadas. Chegou a hora das realizações em profundidade, «a sério», sem reticências nem medo, embora com prudência de actuação e segurança de boa doutrina.

V — Votos para o futuro

O futuro depende do que for o Seminário. Da orientação que nele se der. Da formação que os Padres de amanhã levarem daqui.

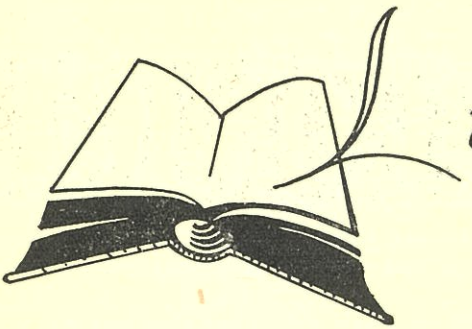
O Seminário é, presentemente, o único centro de comando do Movimento Litúrgico no Patriarcado. Fora reina enorme e desmoralizadora divergência. Diferentes modos de pensar e de agir. Diversas maneiras de realizar a mesma acção e de conduzir as mesmas campanhas.

E é triste realidade esta que muito pesa na Diocese inteira.

Por isso, se me não for imputado à conta de ousadia, atrevo-me a fazer dois pedidos: Um ao Seminário: que continue e aumente a sua brilhante tradição de ser, na Diocese, o foco maior de irradiação da Vida Litúrgica.

Outro a Vossa Eminência: reconstituição da Comissão de Liturgia pastoral, para que unifique, oriente e dirija, sob a dependência próxima e imediata de Vossa Eminência, com acerto e decisão, o movimento pastoral na nossa Diocese.

Creio que seria dom precioso concedido ao Seminário e à Diocese inteira, presente magnífico nestas Bodas de Prata.



Livros novos

CONFIAI NA VIDA (1)

Fulton Sheen

É com prazer que apresentamos aos nossos leitores uma nova colectânea de palestras do já mundialmente conhecido bispo da televisão e incansável apóstolo da mensagem de Fátima — Mons. Fulton Sheen.

As palavras da presente obra dedica-as o autor à Mãe de Deus para que aqueles que as lerem, por intermédio d'Ela possam encontrar o Filho.

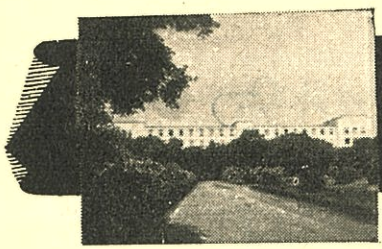
A doutrinação de Mons. Sheen é clara, simples e atraente, baseada sempre em casos concretos da vida social ou familiar, e toda ela gira em torno de dois polos: Fátima e a Rússia. Fátima — «a Praça Branca que dá a única resposta possível à Praça Vermelha de Moscovo» (p. 95). Fátima — «lugar de reunião para os povos do mundo que crêem que a paz tem de ser obtida doutra forma e em outro sítio bem diferente das mesas dos políticos». (p. 94). A paz tão necessária ao mundo terá que ser obra nossa e não apenas da Rússia. E o bispo norte-americano fala de modo impressionante e em linguagem bem sugestiva da *metanoia*, da conversão, que em nós próprios é forçoso realizarmos. Na verdade «temos que modificar a nossa maneira de viver, a nossa visão do mundo e da vida, mudar a forma de educar os nossos filhos para que eles se criem no temor de Deus e no amor dos pais. Este imperativo obriga-nos a ver que o que temos a temer é menos a Rússia que as nossas próprias culpas. Todos no mundo as têm, todos, nós e ela — a Rússia» (p. 251).

Urge uma renovação do mundo, através da restauração das famílias, pela regeneração dos indivíduos. Fulton Sheen é um potente farol que irradiando dos Estados Unidos, aponta à América e ao mundo qual o caminho a seguir — o do regresso a Deus. Felicitamos a Casa Editora pela feliz iniciativa de publicar em versão portuguesa estas interessantes palestras portadoras duma mensagem tão autênticamente renovadora. Penhoradamente agradecemos os exemplares enviados.

J. Poças Ribeiro

---

(1) *Editora Educação Nacional — Porto.*



CRÓNICA

Este Advento de 1956, bem inserido no tempo, simbolizou, mais uma vez, a eternidade trazida até nós pela Liturgia. Depois, a tragédia na Hungria arrancou-nos a este espaço em que vivemos até nos transportar, no dia da peregrinação nacional, ao Santuário de Fátima. De aqui nos juntámos aos que ofereciam o sacrifício, que eles e nós sofríamos na parte húngara do mesmo Corpo Místico de Cristo.

Durante a novena da Imaculada Conceição o mistério de Deus e do homem com o problema da Misericórdia e do mal foi desenvolvido perante nós, pelo Sr. Dr. João de Sousa e por todos os superiores que, em cada noite, nos falavam.

A devoção à Virgem Santíssima como nova Eva foi-nos apontada, em seus alvores na patrística e no seu conteúdo teológico.

O Sr. P. José Ferreira comentou a situação paralela desta festa com o Advento, definindo o ciclo santoral do ano litúrgico como «diadema» para o temporal.

Procurando «à luz de Deus» as causas do previlégio em que Maria foi concebida, o Sr. P. Honorato encontrou o argumento de Escoto: Jesus, descendo à Virgem sua Mãe, desceu com tudo o que possuía, isto é, a Graça.

O Sacerdote Único e Supremo fora gerado. Nesse instante nascera também, segundo a meditação do Sr. P. Fernando Brito, a razão profunda da nossa devoção à Mãe de Deus.

Nos dois últimos dias da novena fomos colocados em perspectivas diversas perante Maria. Ela era, para o Sr. Cónego Neves, Aquela que nos ensinaria «a ver, meditar e viver o Messias», já olhado «a longe» por todo o Antigo Testamento. O Sr. Dr. Lourenço apresentou-A na plenitude actual da sua realeza. Ela era, assim, testemunho e promessa da gloriosa eternidade que nos espera, a nós que já houvéramos procedido da *eterna* ideia de Deus.

*
* *

Pelo sobrenatural, vivemos nesta existência que domina o tempo e o espaço. Não nos furtaríamos, contudo, a observação desfavorável de psicólogo, e talvez de psiquiatra, se tardes desportivas e sessões académicas não alargassem em nós a inteligência e o resto da alma!

No dia 18, o António Carrilho e o Fernando Micael comunicaram aos teólogos as conclusões dum estudo pastoral em Setúbal e península. Meios rurais dispersos e

dificuldades nas comunicações, um ambiente operário e pastoral nem sempre adequada, tudo convergia na causa primordial da descristianização verificada — a escassez do clero. Adivinhava-se, ao longo da leitura, o que, aliás, foi confessado: trabalho e reflexão.

No dia 25, decorreu íntima a reunião académica dos filósofos, que discutiram, acalorados, o trabalho do João Bello.

Tratou, nessa tarde, da única situação plausível do católico perante a técnica: animar do espírito que só ele possui esse *corpo* ainda em desenvolvimento.

O José Clemente, saído há dois anos da família, esteve representado pelo sentimento de versos seus, dos que publicou sob o título «Treze».

Um encontro internacional de Futebol no campo do Seminário! Os *outros* foram os Inglesinhos, uns paradoxos autênticos entre *inhos* e suas estaturas! Jogaram com melhor técnica mas perderam em rapidez.

Esperamos, para o futuro, mais desafios e novos contactos amigáveis seja com patrícios, aliados ou outros.

Também transposemos os limites territoriais da nossa quinta, para almoçarmos entre os *gaiatos* do Tojal. Ali aprendemos a entender as palavras do Sr. P. Américo, gravadas durante uma sua conferência no Tivoli e que ouvimos no dia 13 de Nov. «O homem é chamado louco mas a verdade fica»! Neste bom passeio, vimos a louca verdade de quem amou divinamente — «o homem é, hoje, o único trunfo»!

*
* *

Sua Ex.ª Rev.ma Sr. D. José Pedro da Silva recebeu no dia 6 as boas-vindas formuladas pelo sr. Dr. Orlando Leitão mas que exprimiam o sentir de todos nós. Sua Excelência depressa conquista simpatias, sobretudo quando, pela palavra, se impõe às sensibilidades mais artísticas. Foram pedidas e prometidas mais vocações sacerdotais trazidas da Acção Católica.

Ao assistirmos à inauguração da Igreja de Moscavide tivemos a mesma impressão: duma nova idade que se inicia, dum caminho aberto para se tornar mais jovem a perene Verdade junto dos homens. Ali, falou Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca. Foi sopro de vida a doar um sentido profundo às proporções e às cores, a fazer-nos sentir o alcance último duma Igreja familiar e bela.

*
* *

Também neste Natal nos será apresentado com a simplicidade do Menino Deus todo o mistério da Encarnação. E, com o Senhor, virá também toda a alegria desta quadra!

N. G.

Novellae Olivarum — Indice de 1956

Acção Católica (A Necessidade da) — *Miguel A. Ponces de Carvalho — (Dez.)* 214
Acção Católica (Perspectiva Teológica da) — *H. Veríssimo Franco — (Nov.)* 166
Advento — *P. J. Ferreira — (Dez.)* ... 209
Amor (Dimensões do) — *Alberto Neto — (Out.)* ... 129
Apostolado Operário (Duas Tentativas de) — *P. Jean Marie — (Out.)* ... 147
Bodas de Prata — *(Dez.)* ... 199
Calvário dos ranchos migratórios (O) — *José M. Magalhães — (Abril)* ... 73
Catolicismo na Inglaterra volta ao seu antigo esplendor (O) — *Valdemar Magalhães — (Jan.)* ... 5
Celebração Litúrgica do Mistério Pascal (A) — *P. José Ferreira — (Número Especial)* ... 33
Comunismo e Cristianismo — *P. José Honorato G. Rosa — (Número Especial)* ... 54
Crónica — *Albino Cleto* ... 31, 63, 94 126
Crónica — *Noronha Galvão* ... 159 224
Educação (A Igreja e o Problema da) — *José Mendes — (Fev.)* ... 38
Educação superior e o Problema da Universidade (A) — *João Rodrigues — (Fevereiro)* ... 49
Ensinemos o povo cristão — *Cláudio Teixeira — (Abril)* ... 82
Ensino (Falando de) — *António Carrilho — (Fev.)* ... 33
Ensino Problema de muitos países (O) — *António Carrilho — (Fev.)* ... 52
Institutos seculares na espiritualidade do clero diocesano (Os) — *Filipe Rocha* ... (N. E.) 132
Jubileu Sacerdotal (Um) — *(Jan.)* ... 1
Liturgia do Anglicanismo (A) — *Baltasar Farinha — (Jan.)* ... 12
Livros Novos ... N. E. 163; 28, 61, 91, 221
Ninguém jamais a deturpe — *N. S. — (Out.)* ... 143
Novo Testamento — nova edição (O) — *A. G. Neves — (Nov.)* ... 189
Oriente Cristão (O) — *Teixeira Dias — (Jan.)* ... 17
Panorama — *(Jan.)* ... 24
Papel da Acção Católica, do Pároco e do Assistente eclesiástico na solução dos problemas do meio rural — *P. Aurélio G. Escudeiro e Dr. Orlando Leitão — (Abril)* ... 65
Pastoral Litúrgica (Em Assis — o 1.º Congresso Internacional de) — *(Nov.)* 184
Pio XII — o Dom de Deus — *Cónego Amaro Teixeiro — (Maio)* ... 97
Pio XII e a Liturgia — *Nicolau Baptista — (Maio)* ... 99
Pio XII e as Missões — *A. Lucas — (Maio)* ... 104
Pio XII e a Filosofia — *Seabra Diniz — (Maio)* ... 109
Pio XII e o Cinema — *José Vieira Marques — (Maio)* ... 114
Poemas — *Fernando Melro e A. Leitão* ... (N. E.) 158
Poesia (Página de) ... 48 90
Problemas económico-sociais do mundo rural (Os) — *(Abril)* ... 86
Progresso dogmático e Revelação — *Dr. João A. de Sousa* ... (N. E.) 86
Realidades do Sagrado — *Albino Cleto — (Nov.)* ... 161
Reservação dos pecados (A) — *Dr. Manuel Alves Lourenço* ... (N. E.) 98
Restauração Litúrgica da Semana Snta (A) — *Fernando Micael* ... (N. E.) 142
Salão Paroquial — *J. A. S. — (Nov.)* ... 191
Seminário dos Olivais (O) — *C.º José Amaro Teixeira* ... (N. E.) 7
Singelas Trovas — *A. Leitão — (Nov.)* ... 196
Sociologia Religiosa (O interesse pastoral da) — *P. Manuel Falcão — (Out.)* 132
Sociologia Religiosa (5.ª Conferência Internacional de) — *(Out.)* ... 140
Sondagem à assistência à Missa dominical no Patriarcado de Lisboa — *P. Manuel Falcão* ... (N. E.) 68
Universidade Católica — *João Rodrigues — (Nov.)* ... 174
Vestigia Ecclesiae — *Gustave Thils — (Jan.)* ... 2
Voz de Roma sobre o mundo rural (A) — *F. Cosme — (Abril)* ... 76

AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

Lanifícios Pretos

GABARDINES feitas em preto azul e cinzento

CAPAS de agasalho sem emendas



Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de preço

Condições especiais para FINALISTAS

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Antiga Fábrica de Velas

de **Alfredo Cadete Pereira**

Alcanena — Monsanto

Velas de cera Litúrgicas e de promessa

Preços especiais para os Rev.dos Párocos e Irmandades

OURIVESARIA ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191-211—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA qualidade a baixos PREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 7 — LISBOA

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

Três belos livros:

Sementes de Contemplação
por *Thomas Merton*

Santa Terezinha
por *Maxence Vander Meersch*

Inácio de Loiola, Homen da Igreja
por *Hugo Rahner, S. J.*

Cada Volume 25$00

Á venda nas Livrarias

Edições da Livraria Tavares Martins

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições 4 estrangeiras e 3 nacionas

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

ALBAGRAFICA

Tipografia ◆ Encadernação

António da Silva Moreira

Rua de Arroios, 21-E
Telef. 5 1689

LISBOA





SOCIEDADE DE TAPEÇARIAS, LIMITADA

ESTOFADORES E DECORADORES

Rua Augusta, 126-130—**Telef.** 26669

Casa especializada em estofos e decorações, com oficinas próprias e estoques próprios, os mais completos e variadades e aos melhores preços do mercado

Sedas, damascos e brocados próprios pera decorações de igrejas

As mais modernas criações dos industriais nacionais e estrangeiros

Agradece desde já a Possa muito estimada visita

Nós, que cantamos os salmos, esperamos louvar a Deus. E louvamo-lo melhor se compreendemos aquilo que cantamos. E compreendemo-lo se também nós «estamos revestidos duma força do Alto».

Quando o Espírito do Divino Amor enche as nossas almas de Caridade, compreendemos enfim que não nos é necessário subir ao céu para fazer descer Cristo até nós, por qualquer misteriosa técnica contemplativa. A nossa liturgia não tem necessidade de fazer descer Cristo do Céu. Ela é a manifestação da sua presença e do seu poder sobre a terra. Ela não tem que preparar os nossos corações para um Reino futuro. Diz-nos que o Seu Reino já está entre nós. «Regnum Dei intra vos est».

THOMAS MERTON

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI «OLIVAIS»